

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUCSP

Ana Carla Nogueira de Sousa Guides

**O Idadismo sob a escuta dos idosos: efeitos de sentidos e a utopia de
um novo envelhecer**

Mestrado em Gerontologia

SÃO PAULO

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM GERONTOLOGIA

ANA CARLA NOGUEIRA DE SOUSA GUIDES

O IDADISMO SOB A ESCUTA DOS IDOSOS: EFEITOS DE SENTIDOS
E A UTOPIA DE UM NOVO ENVELHECER

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

SÃO PAULO
2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM GERONTOLOGIA

ANA CARLA NOGUEIRA DE SOUSA GUIDES

O IDADISMO SOB A ESCUTA DOS IDOSOS: EFEITOS DE SENTIDO
E A UTOPIA DE UM NOVO ENVELHECER

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Gerontologia, inserida na área de concentração Gerontologia Social, linha de pesquisa Gerontologia: Teoria e Métodos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, vinculado à FACHS-Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Flaminia Manzano Moreira Lodovici.

SÃO PAULO
2016

Banca Examinadora:

Dedico este trabalho, especialmente a minha mãe Jane, que sempre foi a maior incentivadora de meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a **Deus** por sempre me proporcionar tranquilidade para seguir em frente com meus propósitos de vida. Não me canso de agradecer a Ele o Seu amor e por incessantemente consentir sensatez nas escolhas dos melhores caminhos, coragem para confiar, força para não renunciar, e proteção para me amparar.

Agradeço a meus pais, **Nogueira** e **Jane** que, mesmo distantes, permanecem sempre comigo, aconselhando-me, apoiando-me, amando-me e acreditando em meu potencial. Eu amo vocês incondicionalmente!

A meus irmãos, **Ana Cássia** e **Abeljan**, que sempre me impulsionam em direção às vitórias em meus desafios. Seus corações estão comigo e o meu com vocês!

À minha querida avó **Helenita** que, através da nossa convivência repleta de serenidade, amor e companheirismo, fez com que me apaixonasse pelo envelhecimento.

À minha família, **Santos** e **Nogueira de Sousa**, pelo carinho e pela generosidade. Agradeço de coração!

A meu eterno namorado, e que se tornou meu marido com as bênçãos divinas, **Diogo Rafael**, que é a pessoa que Deus escolheu para ser meu companheiro, nas horas boas e ruins, e que fica sentado a meu lado me olhando escrever esta pesquisa, me incentivando a não desistir. Com você, meu amor, sei que passarei por muitos e muitos momentos de felicidade. Sou mais feliz a seu lado!

Aos meus sogros, **Rose e Marcos**, minhas cunhadas **Michele e Rebeca**, e concunhado **Wesley**, pelo carinho, estímulo e apoio em todos os momentos compartilhados. Tê-los em minha vida é uma dádiva!

Agradeço afetosamente as minhas amigas-irmãs, **Aiana e Débora**, que a lonjura não nos separou e jamais separará – apesar de morarmos a mais ou menos 1996 km de distância há três anos. Obrigada por vibrarem comigo nas minhas conquistas e por me apoiarem nos momentos árdus. Vocês moram no meu coração!

À minha amiga-mãe, **Alzira**, que incessantemente me ouviu com atenção, me auxiliou com carinho e me cedeu a mão-amiga nos dias em que a luz não brilhava tanto. Obrigada por estar sempre ao meu lado!

À **Prof.^a Raquel Aparecida Sousa Azevedo Souza**, que foi minha professora e orientadora na graduação, e hoje é uma amiga a quem tenho muito carinho e admiração. Obrigada por todos os encorajamentos!

À minha orientadora, **Prof.^a Dr.^a Flamínia Manzano Moreira Lodovici**, porque tornou possível o sonho de realizar meu mestrado, de ter logo várias publicações até mesmo antes da Defesa do Mestrado, pelos bons momentos que passamos juntas no Especialização em Gerontologia e neste curso de Mestrado. Querida Fla, agradeço pela liberdade e confiança referente ao presente trabalho, além da indiscutível amizade e compreensão, além da orientação segura, competente, e ética antes de tudo, com que me brindou neste meu tempo de mestrado!

Aos professores da Banca de Qualificação, **Prof.^a Dr.^a Bernadete de Oliveira** e **Prof.^a Dr.^a Nadia Dumara Ruiz Silveira**, que me auxiliaram com novos subsídios para esta dissertação.

À **Prof.^a Dr.^a Beltrina da Purificação da Côrte Pereira**, que acreditou em meu potencial de uma maneira que eu não admitia ser capaz de retribuir.

Sempre acessível e disposta a ajudar, querendo que eu progredisse a cada segundo dentro do mestrado. Obrigada por confiar e me entusiasmar a cada encontro!

A todos os professores do **Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUCSP**, por todo o conhecimento que compartilharam em cada aula. Vocês foram e são referências profissionais e pessoais para meu crescimento!

À **Fernanda** e à **Isabel**, que se tornaram verdadeiras amigas ao longo do Mestrado e que aos poucos nos tornamos mais que amigas, quase irmãs... Obrigada por dividirem comigo as angústias, alegrias e ouvirem minhas bobagens. É muito bom poder contar com vocês!

À **minha turma de Mestrado** pelo companheirismo, apoio e por todos os momentos felizes que passamos juntos. Agradeço a amizade e os bons momentos nos dias de aula e fora deles!

Aos meus **colegas de Mestrado**, veteranos e novatos, pelos momentos divididos. Foi maravilhoso conviver com vocês, e obrigada pela calorosa acolhida!

Aos funcionários, em especial o **Rafael**, pela paciência e pelo trabalho dedicado a todos nós, do PEPG Gerontologia/PUC-SP.

À **CAPES**, pelo financiamento aos presentes estudos de mestrado.

À **PUC-SP**, por me acolher institucionalmente neste Mestrado tão valioso para mim.

AO **SESC**, pelo apoio ao trabalho de coleta de dados. Em especial à **Sandra Carla** (também querida colega do mestrado) e **Celina** que, apesar das exigências formais, se dedicaram para que a coleta de dados no SESC fosse possível. Minha eterna gratidão!

Aos **idosos participantes** da pesquisa, pela disponibilidade e pelos conhecimentos compartilhados.

E, por fim, agradeço a todos aqueles que, de perto ou de longe, acompanharam meus pensamentos, desejos, oportunidades, alegrias, tristezas, esperanças. Ninguém vence sozinho... OBRIGADA A TODOS!

“Viver é envelhecer, nada mais.”
(Simone de Beauvoir)

RESUMO

SOUSA-GUIDES, Ana Carla Nogueira de. O idadismo sob a escuta dos idosos: efeitos de sentido e a utopia de um novo envelhecer. Dissertação de Mestrado (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia). São Paulo, 2015, 101 páginas.

O novo perfil da pessoa idosa, nesta segunda década do século XXI, acarretou uma maior visibilidade da velhice, evidenciando, porém, um de seus mais renitentes problemas — a discriminação social etária, manifesta por meio de discursos, condutas, e gestos preconceituosos —, ainda presentes nas interações diárias, contra a pessoa idosa. O objetivo desta pesquisa é investigar, à luz da perspectiva da Gerontologia Social, a posição de pessoas idosas em episódios de discriminação social etária e avaliar o consequente impacto negativo a elas. Baseia-se em uma revisão da literatura, apresentando algumas posições teóricas sobre o preconceito e a discriminação, subsumidos no termo Idadismo (ou Ageísmo ou Etarismo), e da interpretação de dados empíricos, respostas a perguntas em entrevista com idosos. Trata-se de um estudo qualitativo, transversal, com amostra de 14 sujeitos, acima de 60 anos, de ambos os sexos. Houve preenchimento de um questionário sociodemográfico e uma entrevista semi-estruturada, uma pergunta fechada e algumas abertas, elaboradas pós-projeto-piloto cujos resultados aparecem publicados em artigo. Vale ressaltar que os resultados ali obtidos, e reiterados na presente investigação, mostram, de forma significativa, a presença de preconceito sob todas as variáveis aplicadas. Os efeitos de sentido aos sujeitos variaram quanto à afetação, ratificando o caráter singular de cada pessoa idosa. Os resultados obtidos sugerem necessárias ações voltadas à educação sobre o envelhecimento e as problemáticas da velhice, a fim de que pessoas de todos os níveis etários da sociedade se deem conta de que podem estar sendo preconceituosas, mesmo sem se aperceberem desse gesto impensado. Em suma, que as pessoas idosas, especialmente as menos favorecidas, deixem de receber os efeitos da discriminação etária e possam, ao ter preservada sua subjetividade, seu valor de trabalho, viver com mais dignidade, com oportunidades, contribuindo-se, desta forma, a uma melhoria das relações intergeracionais na sociedade. E que esta se torne amigável, solidária, adequada, a todas as idades, com a proposta de uma educação cidadã — a feliz utopia de um novo envelhecer.

Palavras-chave: Idadismo/Ageísmo/Etarismo; Preconceito geracional; Efeitos de sentido; Utopia.

ABSTRAT

SOUSA-GUIDES, Ana Carla Nogueira de. O idadismo sob a escuta dos idosos: efeitos de sentido e a utopia de um novo envelhecer. Dissertação de Mestrado (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia). São Paulo, 2015, 101 páginas.

The new profile of the elderly, in this second decade of this century, brought greater visibility of old age, showing, however, one of its most intractable problems - the age social discrimination, manifested through speeches, conduct, and prejudiced gestures - still present in everyday interactions, from the Elder. The objective of this research is to investigate in the light of the perspective of Social Gerontology, the position of older people in episodes of age social discrimination and evaluate the resulting negative impact to them. It is based on a literature review, presenting some theoretical positions on prejudice and discrimination, subsumed in the term ageism (or ageism or Etarismo), and the interpretation of empirical data, answers to questions in an interview with the elderly. It is a qualitative, cross-sectional study with a sample of 14 subjects over 60 years of both sexes. There was filling out a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview, a closed question and some open, post-pilot project developed whose results appear in an article published. It is noteworthy that the results obtained there, and reiterated in the present investigation show, significantly, the presence of bias in all the variables applied. The effects of meaning to the subjects as varied affectation, confirming the unique character of each elderly person. The results suggest necessary actions to education about aging and the problems of old age, so that people of all age levels of society will realize that may have been prejudiced, even without realizing that thoughtless gesture. In short, that older people, especially the underprivileged, no longer receive the effects of age discrimination and may, having preserved their subjectivity, their work value, to live with dignity, with opportunities, contributing up in this way, to an improvement in intergenerational relationships in society. And becoming friendly, compassionate, appropriate for all ages, with the proposal of a citizen education - Happy utopia of a new age.

Keywords: Ageism / Etarismo; Generational prejudice; Meaning effects; Utopia.

O IDADISMO SOB A ESCUTA DOS IDOSOS: EFEITOS DE SENTIDO E A UTOPIA DE UM NOVO ENVELHECER

SUMÁRIO	Págs.
I. INTRODUÇÃO	13
1.1. Motivações para ingresso nos estudos da área gerontológica	14
1.2. Justificativa para a seleção temática	19
1.3. Questões de Pesquisa / Hipóteses	20
1.4. Objetivos	22
Geral	22
Específicos	23
1.5. Metodologia	23
Cenário	24
Sujeitos da pesquisa	28
Trajetória metodológica	30
Instrumentos de coleta de dados	31
Procedimentos	32
Considerações éticas	32
Fases após a coleta dos dados	33
II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	35
III. ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS E SISTEMATIZADOS; RESULTADOS GERAIS	62
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
VI. ANEXOS	95
Anexo 1: Termo de Autorização Institucional	92
Anexo 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	97
Anexo 3: Termo de autorização para gravação de voz	99
Anexo 4: Entrevista semi-estruturada	100

O IDADISMO SOB A ESCUTA DOS IDOSOS: EFEITOS DE SENTIDO E A UTOPIA DE UM NOVO ENVELHECER

I. INTRODUÇÃO

“A velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste este processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança [...].”
(Beauvoir, 1990, p. 17)

À indagação da epígrafe “O que é envelhecer?”, Simone de Beauvoir responde associando-a às mudanças que ocorrem no ser humano — justamente a indagação que tenho desde os dezoito anos, e que me acompanharam desde que foi vivenciando a chegada da velhice à adorável avó Helenita.

Pude perceber a importância do envelhecer em sua vida, a alegria, e as ideias revolucionárias que de minha avózinha me foram oferecidas. Dona Helenita sempre encarou este período como ocorrência natural do percurso de vida no qual acontecem mudanças que afetam os relacionamentos de uma pessoa consigo mesma, com os familiares, com o âmbito social.

Assim, pode-se reconhecer nos dizeres acima de Beauvoir (1990), o quanto eles representam a sabedoria na vida daquela minha avózinha — e o quanto devo a ela, a seu aceno inicial, para o engajamento à causa gerontológica. A seguir explicitam-se minhas motivações para tal.

1.1. MOTIVAÇÕES PARA INGRESSO NOS ESTUDOS DA ÁREA GERONTOLÓGICA

Acredita-se nesta pesquisa que estar junto aos idosos durante a infância, a juventude e a idade adulta, é privilégio de vida que vai preparando o ser humano para a velhice, certamente se aos idosos forem dispensados atenção e carinho. Assim, decorreu-me: durante a vida foi acontecendo a paixão pela questão do envelhecimento, ao eu ir me dando conta de que se trata de processo complexo e ao mesmo tempo tão diverso, rico, e instigante.

Que a motivação para me envolver nesta investigação partiu da paixão pelo envelhecimento - a que a eu não poderia ser não sensível, pois insistente o era a questão em minha alma -, o que pode ser dito claramente como o que me impulsionou, de fato, como pesquisadora e profissional da área gerontológica.

Para descrever isto a que eu chamo de vocação, é preciso um recuo no tempo, na tentativa de esboçar a cronologia de como se deu esse percurso. Apenas alguns acontecimentos pessoais, profissionais e acadêmicos mais significativos, serão a seguir sumarizados, evitando-se uma digressão mais longa.

Sou natural de Salvador (BA), com família composta por minha mãe Jane, o pai Nogueira, e Cássia e Abel, os irmãos. Meu pai é inspetor de segurança numa empresa federal; minha mãe, professora que, após se casar com Nogueira, dedicou-se à criação dos filhos. Pais esses que estudaram até o ensino médio e que, desde a infância de seus meninos, ressaltavam a importância dos estudos. Jane, uma cuidadosa mãe, afirmava sempre que, para se conseguir um futuro bem-sucedido, é imprescindível cursar uma graduação e seguir os estudos. Tinham muitos sonhos estes pais: ele desejava que eu

cursasse uma faculdade, e depois participasse de concursos públicos; ela almejava o título de pedagoga a esta sua filha.

Entretanto, o destino reservou a todos outras surpresas. Aos doze anos, surgiu-me um problema no joelho direito, especificamente uma ruptura no menisco em três lugares, que exigiu procedimento cirúrgico. Antes, porém, desse procedimento médico, passei por algumas sessões de Fisioterapia, o que me fez pensar, durante esse período de tratamento, em cursar a faculdade de Fisioterapia, pois parecia encontrar nessa formação acadêmica a realização de um desejo profissional: o de cuidar do outro.

Passaram-se os anos e, no período do vestibular, fiquei novamente um tanto confusa sobre qual carreira seguir. Tinha eu certeza de que seria dentro da área de saúde, mas a dúvida me assaltava: Fisioterapia, Enfermagem, ou Psicologia? Só me identificava, contudo, com uma parte de cada uma delas; na verdade, queria fazer algo diferente, inovador! Foi quando decidi pesquisar, com mais acuidade, as profissões da área de Saúde. Nessa busca, encontrei a Fonoaudiologia e a Terapia Ocupacional, ficando encantada com ambas, embora tivesse que optar por uma apenas.

Optei, enfim, por ingressar na faculdade em 2007, quando selecionei a Fonoaudiologia, porque durante a busca me apaixonei pela ideia de atuar no campo da comunicação humana, com a possibilidade de pesquisar, orientar, prevenir, avaliar, fechar diagnóstico e traçar um tratamento adequado às pessoas, o que se mostrava para mim fantástico! Estava, enfim, mais feliz e realizada! A partir daquele momento não restavam dúvidas; eu tinha a certeza de que havia feito a escolha certa para meu futuro acadêmico-profissional.

No segundo ano de faculdade (4º semestre), tive uma disciplina chamada Estágio Supervisionado em Saúde Pública, cujo objetivo era desenvolver uma ação fonoaudiológica voltada à promoção e prevenção à saúde, em variados

aspectos relacionados à melhoria da qualidade de vida de professores, crianças e idosos, em um Centro Social Urbano (CSU), na região metropolitana de Salvador (BA). Meu grupo optou por fazer a atuação fonoaudiológica junto à população idosa, visando a desenvolver atividades de orientação sobre a saúde na senescência, ou ao menos despertar os idosos para o autocuidado, especialmente quanto aos aspectos da audição, voz, linguagem, mastigação e deglutição.

Sempre fui muito tímida, e realizar aqueles encontros, para mim, tornava-se um desafio muito grande, a ser superado; felizmente, superei-me, tendo me entregado a essa tarefa no sentido de fazer o melhor. Descobri-me fonoaudióloga! Logo em seguida, surgiu a oportunidade de participar de uma aula aberta na Universidade Federal da Bahia (UFBA), campus Salvador (BA), cujo tema seria Fonoaudiologia e Qualidade de Vida no Envelhecimento, tendo sido meu objetivo descrever a própria experiência no referido CSU.

O trabalho com idosos me satisfazia tanto, que decidi me candidatar à vaga de monitora desse estágio no ano seguinte, e assim permaneci durante um ano. Nesse período, o trabalho resultante, de título “Fonoaudiologia e Saúde do Idoso - Relato de Experiência em Atenção Básica”, foi aprovado e apresentado como tema livre no 17º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e 1º Congresso Ibero-Americano de Fonoaudiologia. Esta fase foi muito importante para meu amadurecimento pessoal e profissional.

Em 2010, estava iniciando o quarto ano (7º semestre) e, junto, veio o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). Para mim, não restava dúvida de qual seria meu tema. Esse experimento anterior despertou minha curiosidade na busca do conhecimento sobre o envelhecimento. E assim ocorreu. Minha pesquisa teve o título “Memória de Curto Prazo no Envelhecimento: Efeitos de uma Intervenção Fonoaudiológica”.

Em 2011, foi apresentado na forma de pôster no 19º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e 8º Congresso Ibero-Americano de Fonoaudiologia. Enfim, finalizei a faculdade em 2011 e, como ocorre geralmente com os recém-formados, não sabia qual caminho seguir. E agora o que iria fazer?

Nesse mesmo ano, por insistência do meu pai, inscrevi-me no concurso público de um município chamado Quijingue (interior do estado da Bahia) para concorrer à vaga de fonoaudióloga. Passei em 3º lugar, mas não era o que almejava no momento. Era meu desejo continuar estudando e, se escolhesse morar em Quijingue, essa possibilidade estaria descartada.

Foi quando, conversando com minha professora-orientadora, a fonoaudióloga Raquel Aparecida Sousa Azevedo Souza, ela me incentivou a fazer uma especialização em Gerontologia na Universidade Católica de Salvador; entretanto, naquele momento, não abriu uma turma nova. Foi aí que, pesquisando na internet, encontrei a especialização em Gerontologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Após seis meses de graduada, estava na capital paulistana para iniciar minha jornada no curso em que me qualifiquei como Especialista em Gerontologia pela COGEAE/PUC-SP. Ao final desse curso, em 2013, foi necessário realizar um TCC. Inicialmente, tinha escolhido pesquisar sobre qualidade de vida na velhice, com o objetivo de descrever a visão do idoso sobre o assunto em questão, já que é temática que me interessa desde a graduação. Contudo, fui orientada de que seria necessária uma maior especificação, dado ser o tema muito amplo e subjetivo.

Durante a busca para uma maior delimitação temática, caiu-me às mãos o artigo "Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal". Após a leitura desse texto, interessei-me pelo tema do Ageísmo (< ingl.

Ageism), também conhecido em português como Idadismo ou Preconceito Social Etário.¹ Fiquei bastante entusiasmada em buscar saber “qual a percepção das pessoas idosas brasileiras, a partir de suas experiências sobre fatos de preconceito social?”. Concluí a especialização com a apresentação da pesquisa, cujo título foi “Idadismo: percepção de idosos sobre esse agravo à sua subjetividade”.

Com o incentivo das professoras do curso de especialização, Flamínia Manzano Moreira Lodovici e Beltrina da Purificação da Côrte Pereira, inscrevi-me no processo seletivo do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), campus Monte Alegre. No primeiro semestre de 2014, ingressei nesse mestrado com muito entusiasmo e satisfação por estar realizando um sonho.

Este curso de pós-graduação *stricto sensu* em Gerontologia diferencia-se dos demais existentes, por ter sua área de concentração em Gerontologia Social, um curso que promove problematizações, debates críticos, considerando que é no lócus sociocultural, além do subjetivo, que as fases da vida são significadas, induzindo a novas concepções e novas práticas. A partir de um enfoque teórico interdisciplinar, o Programa discute o envelhecimento humano, levando em conta não apenas a repercussão desse processo sobre os indivíduos, considerando ainda os cenários sociais nos quais eles se apresentam e estão inseridos — o que vem sendo bastante enriquecedor para minha vida pessoal e carreira profissional.

Estudar o envelhecimento e a velhice, para mim, é priorizar uma reflexão sobre a pessoa idosa, considerando-a como aquela que tem muitos anos de experiências de vida, e grande sabedoria para transmitir a todos os demais; isso contraria o que se faz ver, muitas vezes, na sociedade que, lamentavelmente,

¹ Nesta dissertação, a opção foi pelo termo “Idadismo”, por ser a forma já existente em língua portuguesa, embora grande parte dos trabalhos publicados optem pelo anglicismo “Ageísmo”.

subestima a existência de uma pessoa idosa, e tanto se indispõe contra ela, ao conceber possível tão somente propagar as capacidades físicas da juventude.

Explicado meu interesse pela área do envelhecimento e da velhice, passo a justificar, a seguir, as razões pela delimitação do tema e a seleção mais adequada de uma determinada problemática.

1.2. JUSTIFICATIVA PARA A SELEÇÃO DA TEMÁTICA

A leitura de alguns artigos e textos chamou-me a atenção para um curioso termo: a Gerontofobia; pesquisando a esse respeito, encontrou-se um artigo, desenvolvido em Portugal, por Ferreira-Alves e Ferreira Novo (2006), em que tal questão foca a discriminação etária, ocasião em que esses pesquisadores utilizaram, de forma bastante efetiva, o instrumento avaliativo da discriminação social contra as pessoas idosas - *Ageism Survey* (Palmore, 2001). Tal pesquisa envolveu 324 indivíduos com idades entre 60 e 94 anos, moradores em distintas localidades dos distritos de Braga, Porto e Lisboa, institucionalizados (24%) e não institucionalizados (76%). Os resultados mostraram que uma parte significativa dos idosos participantes haviam sido vítimas de Idadismo em Portugal. O mesmo aconteceria no Brasil?, foi minha pergunta inicial.

Os episódios mais referidos reportavam-se às relações interativas com os profissionais da saúde, dentre outras circunstâncias em que os idosos entrevistados alegavam, por exemplo, terem tido dificuldades nos diálogos devidas a problemas de surdez e de compreensão sobre o que lhes era dito, de forma não adequada.

Esse trabalho fez com que me despertasse o interesse em pesquisar a questão do Idadismo no Brasil, a partir de uma questão inicial e provisória: Qual é a opinião das pessoas idosas a respeito do preconceito social, talvez ainda existente na sociedade brasileira, tal como em Portugal?

1.3. QUESTÕES DE PESQUISA / HIPÓTESES

Com base na discussão até aqui encaminhada e, após a leitura do trabalho acima referido, que forneceu uma dimensão mais estendida sobre preconceito/discriminação aos idosos, a proposta desta investigação foi refletir sobre o problema do Idadismo, a partir de questões que, desta forma, pareciam mais apropriadas: (i) “Quais os efeitos, revelados pelos idosos, decorrentes de dizeres e atitudes e que podem ser considerados como preconceituosos-discriminadores?”; (ii) “Os idosos recebem esses efeitos como um fenômeno negativo ou alguns simplesmente os ignoram?”; (iii) “Desejando talvez acertar as contas com seu tempo, afinal, qual é a tomada de posição de pessoas idosas brasileiras, em relação ao preconceito social atuante no presente?”; e ainda: (iv) “Por que um sujeito mais jovem insiste no Idadismo, apesar das advertências contra sua prática, sem refletir sobre *o quê* é esse fenômeno social e sobre *como* o exerce?”.

Ressoam-nos aqui, e constituíram também base teórica para nossa análise das respostas dos idosos entrevistados, acerca de sua posição diante do Idadismo, os dizeres de Agamben (2014, p. 22), que chamam a atenção para o que significa um indivíduo reconhecer-se contemporâneo, mas inatual, ou seja, estar *pari passu* com seu tempo, compreendendo-o de forma mais aprofundada, neste caso, filosófica:

Pertence verdadeiramente a seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com ele, nem se adequa às suas exigências e é, por isso, nesse sentido, inatural; mas, precisamente por isso, exatamente através dessa separação e desse anacronismo, ele é capaz, mais que os outros, de perceber e de apreender seu tempo.

No sentido dessa reflexão de Agamben, seguiu-se nossa hipótese de que as pessoas idosas entrevistadas evidenciarão, talvez em muitos casos, “essa não coincidência, essa discronia” com o que de preconceituoso e discriminativo estivesse arraigado na sociedade.

Pareceu relevante prever que, tributariamente à singularidade da pessoa idosa, em uma situação clara de Idadismo poderia surgir uma posição diferente do que é habitual – hipótese esta que se desdobra também de outras reflexões de Agamben, como as seguintes:

(...) que contemporâneo seja aquele que vive num outro tempo, um nostálgico que se sente em casa mais na Atenas de Péricles, ou na Paris de Robespierre e do Marquês de Sade, que na cidade e no tempo em que lhe foi dado viver. Um homem inteligente pode odiar o seu tempo, mas sabe, em todo o caso, que lhe pertence irrevogavelmente, sabe que não pode fugir do seu tempo. A contemporaneidade é, assim, uma relação singular com o próprio tempo, que adere a ele e, ao mesmo tempo, toma distância dele; mais precisamente, essa é a *relação com o tempo que adere a ele através de uma dissociação e de um anacronismo*. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que se ligam em todos os pontos perfeitamente com ela, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2014, pp. 22-23).

Justifica-se, a nosso ver, a retomada da temática, nesta investigação, justamente porque as pessoas idosas, em relação de contemporaneidade com seu tempo presente, podem evidenciar o quanto toda a sociedade deveria se dar conta da presença do Idadismo sob suas múltiplas formas de manifestação oral, ou gestual. O quanto se deveria manter fixo o olhar no nosso tempo, ver o Idadismo como algo maléfico que acarreta mal-estar a muitas pessoas, e o quanto deveria ser uma questão anacrônica, superada na sociedade, mas não o

é, mantendo-se em íntima escuridão, em vez de estar à luz. Ou seja, quantas pessoas, e das mais variadas idades, são agentes e disseminadores do Idadismo sem que se apercebam disso... Isso atesta o quanto de obscura e insidiosa é essa questão.

Releve-se ainda que a obscura questão do Idadismo em seu impacto social, entretanto, não vem sendo diretamente focada nos estudos brasileiros sobre envelhecimento, velhice e longevidade humana; agambenianamente falando, lembremos que:

(...) ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não só de manter fixo o olhar na escuridão da época, mas também de perceber nessa escuridão uma luz que, dirigida até nós, afasta-se infinitamente de nós. Ou ainda: *ser pontual a um compromisso ao qual não podemos faltar.*” (AGAMBEN, 2014, p. 27). (grifo nosso)

Espera-se poder cumprir neste trabalho com esse compromisso de estar à altura da exigência de sermos contemporâneos (no sentido de “contemporaneidade”, de Agamben, 2009; 2014), dos textos que trataram desse tema em outras áreas do conhecimento e que aqui trazemos à luz, a seguir, como subsídios para a análise dos fragmentos denunciadores desse problema, expostos por alguns entrevistados longevos.

1.4. OBJETIVOS

GERAL

Investigar a posição de pessoas idosas, em entrevistas, diante de episódios de discriminação social etária a que foram sujeitas, bem como a avaliação do respectivo impacto negativo sobre si mesmas.

ESPECÍFICOS

- (i) Descrever o perfil dos idosos participantes da pesquisa, a partir de variáveis como: faixa etária, gênero, estado civil, escolaridade e local da residência, que podem situar melhor a condição atual do idoso respondente à entrevista e as implicações destas variáveis diante da ocorrência do Idadismo.
- (ii) Verificar as situações do cotidiano em que podem ocorrer preconceitos contra os idosos.
- (iii) Comparar os resultados obtidos nas diferentes situações após a interpretação das respostas obtidas dos dados analisados, para verificar recorrências e divergências entre eles.
- (iv) Poder fornecer alguns subsídios acerca de ações imprescindíveis voltadas à educação sobre o envelhecimento, e às problemáticas da velhice, a fim de que, todos os segmentos da sociedade se deem conta de que podem estar sendo preconceituosos, mesmo sem se aperceberem desse seu gesto. Em suma, contribuir para que as pessoas idosas, especialmente as menos favorecidas, deixem de receber os efeitos da discriminação etária e possam, ao ter preservada sua subjetividade, viver com mais dignidade, em favor de uma melhoria das relações intergeracionais na sociedade. E que esta se torne amigável, solidária, adequada, a todas as idades, com a proposta de uma educação cidadã neste século XXI — a feliz utopia de um novo envelhecer.

A seguir, no tópico 1.5, serão discutidos os aspectos metodológicos desta pesquisa.

1.5. METODOLOGIA

Neste tópico, descrevem-se os procedimentos metodológicos selecionados para a análise dos dados.

Em primeiro lugar, apresenta-se o cenário ou a origem do corpus selecionado, justificando a seleção do local, os participantes, os critérios para a transcrição e a segmentação dos trechos selecionados em que se presentifica o Idadismo, anuncia-se a escolha metodológica. Finalmente, explicitam-se os procedimentos de análise, descrevendo-se as etapas e sua organização.

CENÁRIO

A proposta inicial era que esta pesquisa fosse realizada na cidade de São Paulo em três locais: na Universidade Aberta à Maturidade (UAM), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); no Serviço Social do Comércio (SESC); e no Programa Acompanhante de Idosos (PAI).

Contudo, a presente pesquisa restringiu-se à unidade do Serviço Social do Comércio (SESC), Unidade Carmo, por razões que foram assim consideradas: por ocasião da qualificação da pesquisa, houve a recomendação de que se poderia facilitar o contato com as pessoas idosas, se estivessem todas situadas em um único local, justamente pelo fato de uma metrópole como São Paulo apresentar um trânsito que impede uma mobilização rápida, dificultando uma coleta de dados em lugares distanciados.

Por outro lado, optou-se por entrevistar idosos ativos que, por frequentarem atividades do SESC pudessem estar mais aptos a responder às questões, sendo pessoas de nível social e escolaridade médios e com a atenção despertada para o entorno social nas relações com professores, colegas, o outro enfim. Essa unidade do SESC, Carmo, inaugurado na década de 60, situa-se no coração da cidade de São Paulo, na Zona Central, onde oferece serviços diversos especialmente aos idosos: loja SESC, restaurante, lanchonete,

biblioteca, sala de ginástica, auditório, acessibilidade à internet livre, salas de uso múltiplo, e área de convivência.

Os idosos do primeiro local pretendido mas não selecionado, a PUC-SP, são geralmente pessoas idosas de classe alta, mais privilegiada em termos econômicos e culturais, pessoas empoderadas familiar e socialmente, portanto, mais seguras de si e mais impermeáveis a afetações externas, situando-se, pois, em posição social que as mantêm um tanto alheias a questões de preconceito social (percepção esta trazida da interpretação dos dados coletados no projeto-piloto desta pesquisa).

Os idosos do último local pretendido, o universo do Programa PAI, são justamente as pessoas idosas mais fragilizadas, tão humildes a ponto de, a nosso ver (percepção esta também trazida da interpretação dos dados coletados no projeto-piloto desta pesquisa), serem menos susceptíveis em sua percepção, a efeitos de palavras, gestos ou atitudes preconceituosas.

Algumas pontuações sobre o Serviço Social do Comércio (SESC) parecem aqui necessárias: sustentado pelos empresários do comércio de bens, turismo e serviços, o SESC é uma instituição privada que tem o intuito de possibilitar o bem-estar e a qualidade de vida aos funcionários desse setor e seus familiares.

Desde sua criação, as ações e serviços do SESC têm experimentado diversas mudanças, adequando-se às perspectivas mais frequentes indicadas pelos trabalhadores do setor e suas famílias e às necessidades demandadas pela sociedade brasileira. Ao longo de sua história, a instituição progrediu de atividades com características assistenciais para programas socioeducativos voltados a grupos maiores e às comunidades, delineando ações de promoção e desenvolvimento social.

Atualmente o SESC, presente em todos os estados do Brasil, promove ações no campo da educação, cultura, saúde, lazer e assistência. No estado de São Paulo são 35 unidades na capital e interior, onde são acolhidos também muitos idosos. O SESC fez história nesse seu papel precursor de atendimento aos idosos no Brasil.

Até meados da década de 60, a velhice no Brasil era sustentada, por uma abordagem assistencialista, por parte de instituições asilares destinadas a idosos pobres e doentes, não havendo, pois, outras opções de participação social dessas pessoas. Aquelas com melhores condições socioeconômicas não careciam da proteção de tais instituições que passaram a ser designadas como Instituições de Longa Permanência para idosos (ILPI), e ofertadas pelos governos ou por iniciativa particular.

Na década de 60, os idosos que passaram a frequentar o SESC unidade do Carmo, em São Paulo, procuravam ocupar seu tempo livre. A percepção de que isso indicava uma demanda social, o reconhecimento do envelhecimento populacional brasileiro e da constatação da escassez de programas públicos ou políticas sociais voltados para os idosos, induziram o SESC, em 1962, a preparar uma visita de observação aos Estados Unidos da América, com o propósito de conhecer o projeto dos centros sociais para idosos, divulgados na ocasião, os *Golden Age*.

Em 1963, o SESCSP formou o primeiro grupo de convivência de idosos no Brasil, mudando, a partir daí, o conceito de atendimento ao idoso.

Em 1970, o trabalho foi reorganizado, sob uma nova abordagem, que definiu, como ação básica para nortear o Trabalho Social com Idosos (TSI), o Grupo de Convivência.

Ferrigno (2006), um grande estudioso do trabalho do SESC, referiu quais são os objetivos do TSI no SESC: (i) a socialização para a formação de amizades e vínculos afetivos; (ii) a atualização de conhecimentos para adaptação a uma sociedade de aceleradas mudanças: o desenvolvimento de habilidades em áreas como música, teatro, dança, artes plásticas, atividades corporais; (iii) a reflexão sobre o envelhecimento para que o idoso possa melhor compreender esse fenômeno em seus aspectos físicos, psíquicos e sociais; (iv) a elaboração de novos projetos de vida para uma autosatisfação e para o aproveitamento das potencialidades do idoso em prol da comunidade; (v) a prevenção e manutenção da saúde através de hábitos saudáveis (atividades físicas, boa alimentação, sono reparador etc.), fatores decisivos para o prolongamento da vida com qualidade; (vi) a integração as demais gerações aprofundando o processo de inclusão social da pessoa idosa, propiciando igualmente a participação comunitária de outros segmentos etários (p. 23).

Na década de 70 aconteceu a expansão de grupos de atividades, eclodindo a Escola Aberta da Terceira Idade no Departamento Regional do SESC em São Paulo (DR/SP), com o intuito de estimular a capacidade cognitiva, e habilitar o idoso por meio de cursos de atualização de conhecimentos, favorecendo uma maior autoestima e sua autonomia.

Em setembro de 1988, o SESC publicou uma revista especializada em assuntos do idoso: “A Terceira Idade” (atualmente denominada de “Mais 60”). Nos anos 90, constatou-se o lançamento da concepção de Trabalho Intergeracional a partir da comemoração do ano internacional do idoso, quando o SESC em seu Departamento Nacional foi convidado a constituir a agenda do idoso nacionalmente. Vale ressaltar que esta área de atuação do TSI tem o intuito de estimular a integração e o aprendizado entre as gerações.

A partir do ano 2000, o SESC - no seu Programa Assistência – passou a desenvolver atividades socioeducativas dirigidas às pessoas idosas, que objetivam estimular o exercício da cidadania, por meio de atividades que pretendem criar possibilidades para proporcionar sua autonomia, integração e participação na sociedade, conforme recomendam o Plano Internacional de Madrid, e as leis brasileiras voltadas para a pessoa idosa: a Política Nacional do Idoso (PNI) e o Estatuto do Idoso.

A seguir, a discussão sobre o tópico relativo aos sujeitos de pesquisa.

SUJEITOS DA PESQUISA

Para seleção dos sujeitos de pesquisa, estabeleceram-se alguns critérios, os de inclusão: indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos de idade participantes das atividades para pessoas idosas do SESC Unidade Carmo, São Paulo (SP), Brasil.

Como critérios de exclusão: pessoas com idade inferior a 60 anos, com problemas cognitivos ou de não-alfabetização que, no período de seleção da pesquisa, não consentiram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice 2), o Termo de Autorização para Gravação de Voz (Apêndice 3), e os não participantes das atividades do SESC Unidade Carmo, São Paulo (SP), Brasil.

A ideia seria eleger uma amostra total, que foi pensada inicialmente em 12 idosos participantes das atividades do SESC Unidade Carmo, São Paulo (SP), Brasil, local da aplicação das entrevistas, distribuídos etariamente conforme mostrava o quadro 1:

Faixa etária Sexo	60-70 anos	71-80 anos	81-90 anos	Acima de 91 anos	TOTAL
Feminino/ Masculino	3	3	3	3	12

Quadro 1: Total de idosos

A pesquisadora teve a necessidade de fazer uma abordagem aleatória, e individual, convidando, um a um, os idosos frequentadores do Sesc Carmo a participarem da pesquisa.

O total de idosos requisitados foram em número de 30. Destes, apenas 14 consentiram em participar, verificando-se 16 recusas.

Os motivos de não-aderência à entrevista da pesquisa foram múltiplos:

- cansaço: *“Estou descansando agora.”*;
- ocupação com a leitura de jornal;
- não ter tempo disponível para pesquisa: *“Estou com pressa.”*; *“Já estou de saída”*; *“Estou aguardando uma pessoa para ir embora.”*;
- desinteresse em participar de pesquisa: *“Eu prefiro não falar nada.”*; *“Não tenho interesse”*;
- após ouvir o tema da pesquisa e o objetivo da pesquisa, manifestação apenas de interesse no baile: *“Agora não posso; vou comprar meu ingresso; depois participo”*. Logo em seguida à aquisição do ingresso, nova abordagem da pesquisadora a este último, e nova recusa, com a alegação de se ter iniciado o baile.

Vale ressaltar que a faixa etária dos sujeitos participantes da pesquisa não correspondeu com a expectativa anteriormente prevista, no Quadro 1.

A seguir a descrição dos sujeitos que participaram desta pesquisa, no Quadro 2.

Faixa etária Sexo	60-70 anos	71-80 anos	81-90 anos	Acima de 91 anos	TOTAL
Feminino/ Masculino	5	7	2	0	14

Quadro 2: Total de idosos

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Nesta pesquisa foi empregada a abordagem qualitativa de pesquisa que, segundo Godoy (1995), assume cada vez mais um espaço reconhecido entre as diversas possibilidades de se estudarem os acontecimentos que abarcam os indivíduos e suas emaranhadas relações sociais, e em vários lugares.

Conforme Minayo (2013, p. 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. [...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

Richardson (2007) complementa que a pesquisa qualitativa legitima-se por ser uma maneira apropriada de compreender a natureza de um fenômeno social, sendo capaz de ser aplicada também aos dados obtidos exaustivamente em estudos quantitativos. O mérito da abordagem qualitativa, nesta pesquisa, é que, se é econômica em termos de não exigir um número maior de sujeitos, permite, por sua vez, e exige, um aprofundamento maior nas reflexões sobre as ocorrências verificadas do fenômeno em foco, desdobramentos críticos que, se não podem ser generalizados, pelo menos levantam novas hipóteses para uma continuidade do estudo.

Verificou-se que, na literatura brasileira, são um tanto insuficientes as pesquisas que se debruçaram sobre a questão do Idadismo/Ageísmo, ou seja, o estudo do preconceito contra a pessoa idosa. A fim de orientar a pesquisa em banco de dados, optou-se, como palavras-chave, pelas seguintes: Idadismo/Ageísmo, Preconceito Geracional, Discriminação ao Idoso, Intolerância Etária. Os estudos encontrados estão a seguir referidos, assim como o detalhamento da pesquisa empírica, a partir da aplicação de entrevista semi-estruturada com pessoas idosas, a fim de recuperar suas concepções e efeitos, ou não, do Idadismo sobre elas.

A seguir, alguns comentários sobre a seleção dos instrumentos de coleta de dados.

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Esta pesquisa vale-se de recursos instrumentais, o *Diário de Campo*, e a *Entrevista semi-estruturada*: esta é composta por dados sociodemográficos dos idosos entrevistados e uma pergunta fechada e algumas abertas (Anexo 4), que foram elaboradas a partir de um projeto-piloto cujos resultados foram publicados em artigo (SOUSA; LODOVICI; SILVEIRA; ARANTES, 2014).

Por meio deste projeto-piloto, foi que a análise permitiu detectar as seis questões, relativamente frequentes, em que os idosos reconheceram episódios de preconceito/discriminação. Estas seis questões compõem a pergunta fechada da entrevista semi-estruturada. Vale ressaltar que o instrumento utilizado no projeto-piloto, e nesta pesquisa, é baseado na versão brasileira do instrumento *Ageism Survey*” (PALMORE, 2001, *apud* FERREIRA-ALVES, FERREIRA NOVO, 2006).

Segundo May (2004, p. 148), entrevista semi-estruturada é um “diálogo com o entrevistado”. Duarte (2005) explicita que este modelo é um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse da pesquisa. O mesmo autor justifica que as questões deste modelo de pesquisa procedem do problema de pesquisa e procura-se examinar a amplitude do tema, expondo cada pergunta da forma mais aberta possível, fundamentada em teorias e hipóteses.

O *Diário de Campo* permitiu que se registrassem acontecimentos do cotidiano da entrevista, dificuldades encontradas, condição psicológica de entrevistador e entrevistado, material esse que fundamentou muito da análise e interpretação dos dados.

A seguir, alguns comentários sobre os Procedimentos de Pesquisa.

PROCEDIMENTOS

Definidos os sujeitos, deu-se início aos procedimentos que compreendem os seguintes passos: a entrevista semi-estruturada (Apêndice 3) que tem o propósito em investigar a posição de pessoas idosas em episódios de discriminação social etária e a avaliação do impacto negativo sobre elas.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O projeto de pesquisa foi registrado na Plataforma Brasil, encontrando-se, por ocasião desta defesa, em apreciação ética. Anexo, está o comprovante de registro.

A pesquisa atendeu à resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/12 que determina a utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(TCLE)- apêndice 2, respeitando as exigências éticas e científicas fundamentais: autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Os sujeitos envolvidos neste estudo receberam esclarecimentos a respeito da pesquisa, sobre a justificativa, o objetivo e os procedimentos que foram utilizados; a ausência de riscos e desconfortos; benefícios esperados e garantia do sigilo assegurando a privacidade dos indivíduos.

O anonimato dos participantes foi garantido por meio da mudança dos nomes por números. Os dados foram manipulados apenas pelas pesquisadoras e utilizados restritamente para efeitos de investigação.

Os dados coletados durante a pesquisa foram mantidos sob a guarda da pesquisadora por até cinco anos seguintes após a conclusão do estudo atendendo à regulamentação 466/12.

Os idosos assinaram o TCLE e o Termo de Autorização para Gravação de Voz (Apêndice 3) antes do início da pesquisa; tiveram, por outro lado, a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento, deixando, assim, de participar do estudo sem que isso lhes acarretasse qualquer problema.

FASES APÓS A COLETA DE DADOS

As seguintes fases e procedimentos foram realizados após a coleta de dados:

- Etapa 1: Sistematização das respostas das entrevistas.
- Etapa 2: Transcrição verbal das entrevistas.
- Etapa 3: Análise e interpretação dos conteúdos de entrevista, segundo alguns aspectos da análise de conteúdo interdisciplinar proposta por

Bardin (2011), relativamente à análise de dados de entrevista e quanto à categorização desses dados, a partir da análise da enunciação.

Levando em consideração os argumentos apresentados sobre a questão do Idadismo, julgou-se pertinente e relevante que se insistisse sobre a investigação desse tema, agora mais concretamente a partir de um determinado empírico, ou seja, da análise das próprias respostas de pessoas idosas, em entrevista. Justamente porque vem de Goldani (2010), a indicação de que o tema da discriminação por idade é de grande atualidade e que, de fato, por serem escassos, no Brasil, os estudos sobre a percepção e também a avaliação, pelo próprio idoso, do impacto negativo da discriminação etária, seria fundamental que isso ocorresse. É justamente ao que se propôs esta investigação.

Este trabalho de pesquisa está organizado da seguinte forma: neste Capítulo I, foram apresentadas, em 1.1., as Motivações para a formação na área gerontológica; em 1.2., a Justificativa pela seleção temática; em 1.3. a Problematização, as Questões de Pesquisa e as Hipóteses; em 1.4. os Objetivos Gerais e Específicos; em 1.5., a Metodologia com suas especificações.

No Capítulo 2, a Fundamentação Teórica, em que se apresentam os construtos teórico-metodológicos de teóricos que norteiam esta pesquisa, com ênfase na interdisciplinaridade, e no foco social — os fundamentos da Gerontologia Social, área de concentração desta investigação. Ênfase também se dá à questão da utopia, como motor para a continuidade de qualquer investigação, especialmente a voltada para as problemáticas da velhice.

No Capítulo 3, Análise, Interpretação e Resultados Gerais, discutem-se as questões decorrentes da análise das entrevistas.

Para concluir o trabalho, no Capítulo 4, seguem-se as Considerações Finais, em que se mostram os resultados obtidos, os limites da presente pesquisa, e são sugeridos desdobramentos possíveis que acabaram sendo deixados para pesquisa futura e, finalmente, as Referências e Anexos.

II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Longevos com a possibilidade de uma vida, com qualidade, para além dos cem anos, é o que vem garantindo a definição positiva, neste século XXI, da longevidade humana, cujos atributos não poderiam deixar de ser afirmados senão como de proveito coletivo, conforme afirmara Debert (1999). Tais atributos, entretanto, têm-se revelado continuamente como uma ameaça, na verdade, à reprodução da vida social.

Na sociedade moderna, a velhice, mesmo quando não associada à pobreza ou a invalidez, continua a ser concebida, seja pela sociedade, seja no exercício das instituições públicas e privadas, como uma fase dramática e indesejada. Esta nada mais é que uma construção social equivocada da velhice no decorrer dos séculos, nos termos de Groth (2003): segundo este autor, a imagem que se tem dos idosos até o presente possivelmente se reforçou na sociedade industrial, momento em que se firmavam os segmentos da sociedade sob uma perspectiva meramente cronológica. Cronologização essa que induz a correlacionar a idade com a missão que se atribui via de regra a realizar em cada fase da vida; ou seja, leva-nos a ter expectativas de que crianças devam ir à escola; adultos, que se realizem em sua formação técnica/intelectual/profissional, casem-se, tenham filhos. Nada restaria, porém, de papel instituído socialmente para os idosos, destes desconsiderando-se atributos e potencialidades individuais.

Assim é que se tem a velhice como uma concepção historicamente estabelecida na dinâmica das atitudes, das crenças, dos mitos e dos valores da sociedade, cujo indicador social é manter-se em oposição à juventude, o que explica a oscilação entre idealização e descrédito ao idoso (NERI; CACHIONI; RESENDE, 2002).

A esse respeito, Kertzman (2004) enfatiza que, diante da associação direta de envelhecimento e decadência, parece que nenhuma aquisição supriria tais perdas, até porque, hoje, tem-se a exaltação do culto ao jovem, à beleza, à eficiência, ao novo, em detrimento dos que estão fora desses padrões.

Se visto como antagônico ao jovem, conforme Mercadante (2007), configura-se o idoso como um ser sem perspectivas, sobrevivendo das lembranças resultantes de experiências ao longo da vida — percepção esta da velhice suscitadora a representações sociais que a padronizam, podendo ampliar posturas a ela preconceituosas.

Ribeiro (2007) aproxima-se em suas afirmações aos textos e autores anteriores: ainda que esteja claro que o envelhecimento seja um processo complexo que apresenta muitas facetas, as representações da velhice, no entanto, continuam pautadas, segundo esse autor, em função das mudanças corporais externas e das diminuições funcionais, predefinindo essa etapa da vida como de perdas apenas. Diante disso, além do estereótipo negativo decorrente das restrições funcionais do processo normal do envelhecimento, incidem também entraves nos relacionamentos sociais.

Segundo Levy (2014), tais estereótipos² etários da sociedade são internalizados desde a infância e transportados para as relações entre as pessoas. Traduzem eles inclusive um certo elitismo, ou seja, o de uma pessoa

² Um estereótipo tem sido definido como “uma crença exagerada associada a uma categoria.” (ALLPORT, 1958, p. 191, apud LEVY *et al.*, 2014).

mais jovem perceber-se mais útil ou mais bonita do que o idoso, o que se qualificaria claramente como “preconceito geracional” (SPOSATI, 2011).

Neri (2007) confirma que as impressões humanas em analogia à velhice advêm de valores confusos que hesitam entre o “encanto e o pânico, a concordância e a rejeição, o respeito e a desvalorização”, pois dependem do que se conhece sobre esta fase da vida.

Nessa direção, Ferreira-Alves e Ferreira Novo (2006) enfatizam que o conhecimento científico deve colaborar para uma concepção renovada dos diversos aspectos que assinalam o processo de envelhecimento, desmistificando a ideia veiculada pelo senso comum, a qual tende a extremos positivos ou negativos.

Tendo em vista tais afirmações, o perfil social da velhice, hesitante ainda entre um quadro e outro, continua sendo um amplo motivador de preconceito e discriminação, embora tenda a distanciar uma pessoa dessa categoria etária da condição radical de um ser inábil ou inútil.

Assim se vai configurando a velhice como uma fase do desenvolvimento humano como consequência natural do curso da vida, devendo ser analisada no seu caráter de uma mera fase da vida, assim como o são a infância, a juventude, a idade adulta.

Significativa é a reflexão de Leme (2011), quando acrescenta que o ser humano não é apenas um ser biológico, mas também um ser biográfico.

Diante deste ponto de vista, a pessoa idosa apresenta uma importante diferença em relação ao jovem, ou seja, o idoso tem uma carga biográfica muito maior que os de menos idade; por outro lado, dadas as restrições do organismo em decorrência da idade, o idoso tem uma carga biológica de menor

qualidade. Conclui o autor que o jovem é um organismo principalmente biológico; o idoso, por sua vez, é principalmente biográfico.

Uma contextualização do cenário mundial e brasileiro em que vive a pessoa idosa na atualidade se faz necessária, a seguir.

O envelhecimento da população é um acontecimento mundial, iniciado nos países desenvolvidos no final da década de 40 e início dos anos 50, em consequência de mudanças como a redução da mortalidade, as amplas aquisições da ciência médica, a urbanização das cidades, o progresso nutricional, a ascensão dos níveis de higiene pessoal e ambiental, além dos avanços tecnológicos (MENDES *et al.*, 2005). Dados projetados mundialmente apontam que o número de idosos atingirá um bilhão em menos de uma década; vai duplicar-se em 2050, chegando a 2 bilhões de pessoas, correspondentes a 22% da população do mundo (Brasil, 2014).

No Brasil, o aumento da expectativa de vida ao nascer de 45,5 anos em 1940, para 74,1 anos em 2011 (IBGE, 2010), tem sido tributado aos progressos tecnológicos obtidos pela área de saúde nos últimos 60 anos, com ampla aplicação de vacinas, uso de antibióticos e quimioterápicos que tornaram possível a prevenção ou a cura de muitas doenças.

Acresce-se a esses fatores, o decréscimo de fecundidade, iniciada na década de 60, conduzindo à ocorrência de uma mudança demográfica, paralelamente às mudanças socioeconômicas.

A velhice é uma parcela da população cada vez mais representativa numericamente, processo que vem ocorrendo rapidamente especialmente nos últimos 30 anos, com repercussões em mudanças na estrutura etária da população. Os dados mais recentes do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2012) refletem esse fenômeno ao referirem que a população

brasileira em 2030 será de 206,8 milhões, sendo que as pessoas idosas representarão 14% deste total.

Em virtude, pois, dessa acelerada “transição demográfica” em que vive nosso país e o mundo, o envelhecimento é uma demanda que se impõe no panorama moderno.

Debert (1999) afirma que, desde o final dos anos 80, no Brasil, os idosos, ao se tornarem mais visíveis à sociedade, fizeram com que a temática do envelhecimento ganhasse relevância nas investigações acadêmicas. O idoso passa a ser um ator presente no conjunto de discursos produzidos, seja no âmbito das políticas públicas, seja da definição de novos mercados de consumo e novas formas de lazer.

Refletindo sobre esses pontos, Mendes *et al.* (2005) asseguram que essa ampliação da presença do idoso na sociedade torna a velhice um emergente tema social. Uma demanda à sociedade que solicita ampla cautela, pois está pautada por aspectos como a crise de identidade, alteração de papéis, aposentadoria, e diminuição dos contatos sociais.

Como mencionado, um novo perfil do idoso e da velhice se instala na atualidade, tributário a acontecimentos como o aumento da expectativa de vida e as condições mundiais mais favoráveis à existência humana, bem como a novos estudos que concebem o envelhecimento, no seu sentido atual, de um processo contínuo da vida humana, mas com demandas ainda não atendidas satisfatoriamente.

Nessa direção de refletir sobre a questão das pessoas de mais idade, a pesquisadora participou do XVI Fórum Brasileiro de Neuropsiquiatria Geriátrica, em Belo Horizonte (MG), de 25 a 27 set., 2014, tendo apresentado,

em grupo, o Pôster de título “Os efeitos da finitude na relação entre cuidador e idoso centenário”.

Nessa direção, desenvolveram-se discussões em que se aprofundaram tais temas nos Seminários mensais promovidos pelo NEPE/PUC-SP³. A pesquisadora participou em 29/10/2014, do Seminário NEPE/PUC-SP “A velhice no tecido da vida”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Suzana Carielo da Fonseca, tendo apresentado a Comunicação Oral em grupo de colegas de mesmo título (SOUSA; MARKARIAN, GONÇALVES, DEMASI, RENCK, MOISÉS; FONSECA, 2014).

No NEPE/PUC-SP (24 nov., 2014), em seu Seminário “Políticas inovadoras de cuidado à pessoa idosa: contribuições do saber gerontológico”, com coordenação das Prof.^{as} Dr.^{as} Nadia Dumara Ruiz Silveira e Flaminia Manzano Moreira Lodovici, foi apresentada uma Comunicação Oral “Por que estudar o envelhecimento, a velhice?” (SOUSA; SILVEIRA; LODOVICI, 2014).

No seguinte NEPE/PUC-SP (abril, 2015), no Seminário intitulado “Modalidades de Atendimento ao Idoso: Do ambulatório ao domicílio – CRINorte e PADI”, a pesquisadora – em parceria com orientadora e outra professora - apresentou a Comunicação Oral “Ansiedade como efeito do próprio estigma e preconceitos aos velhos” (SOUSA; LODOVICI; SILVEIRA, 2015).

Esta pesquisadora também participou, em parceria com orientadora, de outro evento, o VIII Seminário de Pesquisa em Gerontologia e Geriatria, na Unicamp, Campinas (SP), apresentando o Pôster de título “Comunicação

³ NEPE/PUC-SP – Núcleo de Ensino e Pesquisa do Envelhecimento do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (com reuniões na sala T-63-E, no Edifício Bandeira de Mello, Campus Monte Alegre-Perdizes).

Humana e preconceito social: caso de pessoas idosas” (SOUSA; LODOVICI, 22-14 abril 2015).

Além dos eventos mensais do NEPE/PUC-SP, as reflexões também se deram em um evento anual, as Semanas da Gerontologia/PUC-SP; no ano de 2015, entre os dias 30 de setembro e 02 de outubro, ocorreu mais uma vez a XV Semana de Gerontologia / II Simpósio Internacional de Gerontologia Social, em que a pesquisadora apresentou, com parceiras, a Comunicação Oral “Programas de Saúde para a pessoa idosa no Brasil: uma breve reflexão do que falam sobre o Envelhecimento Ativo” (SOUSA; MARTINS, CÔRTE, 2015).

A perspectiva nova de pessoa idosa, do que decorre uma definição positiva, acarreta uma maior e mais feliz visibilidade da velhice, sendo que esta não pode mais ser marcada por concepções generalizantes, homogeneizantes e baseadas em estereótipos que remetam à banalização da condição de ser velho (ALMEIDA, 2003); como dito antes, quando definida de forma negativa, a velhice não é um lugar nada confortável, sendo sinônimo de recusa, banimento, um lugar marginalizado e discriminado na sociedade, enfim. Ou seja, a velhice torna-se, aí, o outro indesejado.

Kertzman (2004) aprofundara essas ideias negativas sobre a velhice, ao afirmar que o envelhecimento é uma etapa da vida mais conexas, antes que a proveitos e favorecimentos, às transformações morfofuncionais, à decrepitude e ao declínio, por influência das teorias e da visão biomédica sobre o funcionamento humano. Assim é que o envelhecimento tem sido considerado danoso pela frequente associação a características negativas como: infrutuosidade, inutilidade, desatualização, inabilidade funcional, decrepitude e fraqueza, conforme pontua Paschoal (2007).

Barros (1998, como citado por Kertzman, 2004) também reforça que o ser idoso continua suscetível a uma série de conotações negativas, ou seja, a

velhice sendo tratada a partir de valores e conceitos depreciativos empregados ainda pela sociedade contemporânea para reforçar uma situação de exclusão social.

É chegado o momento de, finalmente afastar do contexto da sociedade contemporânea a ideia de rejeição à velhice, ou a situação de exclusão social do idoso: sobre esse ponto insistiram os Princípios das Nações Unidas para o Idoso⁴², da Assembleia Geral da ONU (1991), segundo Silva (2007, p. 81):

Considerar o discernimento prejudicado pela idade é atentar contra esses princípios internacionalmente apregoados, violar um objetivo fundamental e constitucional da República Brasileira (Art.3o, III: promover o bem de todos, sem preconceitos de raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação) e oficializar o etarismo.

Lodovici e Medeiros (2009), por sua vez, apontaram a complexidade das situações de convivência cotidiana diante dos desafios e necessidades que caracterizam a “longevidade prolongada”, exigindo o empenho de todos os segmentos da sociedade, no sentido de cuidarem da velhice atual, preparando a sua para um futuro próximo.

Embora esteja ocorrendo a quebra da “conspiração do silêncio”, tornando a velhice tema de expressão e legitimidade nos dias atuais (DEBERT, 1999), ainda se mantém, em muitos, a ideia de que velho é sempre o outro (BEAUVOIR, 1970/1990), ideia, porém, cada vez mais tributária à “gigantesca acumulação e proliferação de dispositivos” afetadores de subjetividades, aos quais são incluídos, nesta investigação, os dispositivos dos preconceitos que discriminam certos segmentos da sociedade que se deixam a ela submeter, conforme explicita Agamben (2009, p. 42):

Certamente, desde que apareceu o *homo sapiens* havia dispositivos, mas dir-se-ia que hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo.

⁴ Princípios da dignidade, autorrealização, assistência, participação e independência.

Kertzman (2004) relata que o velho é o outro com quem parece não haver prestígio plausível. A representação da velhice parece sempre estar à margem, e embora se entenda que aquilo é a própria imagem, causa uma impressão de preocupante estranheza.

Nesta mesma direção, Skinner e Vaughaw (1985, como citados por Kertzman, 2004) apontam que:

A velhice é, em parte, como um outro país. Você poderá viver bem lá, se se preparar com antecedência. Entretanto, as pessoas raramente querem conhecê-lo (p. 19).

No caso das pessoas idosas, como enfrentar o dispositivo preconceituoso?⁵ Ainda segundo Agamben (2009, p. 44), uma estratégia que se deve seguir no cotidiano “corpo a corpo” diante dos dispositivos “[...] não pode ser simples, já que se trata de liberar o que foi capturado e separado por meio dos dispositivos e restituí-los a um possível uso comum”.

O enfrentamento do dispositivo preconceituoso, no caso deste estudo, não significaria, porém, se visto na perspectiva de Agamben, que esses sujeitos teriam adquirido uma nova subjetividade; eles continuariam sendo “[...] de resto, o resultado do dispositivo... [dos discursos] nos quais estão capturados”.

Sob essa perspectiva é que, a partir da interpretação das respostas dos idosos, tenta-se também recuperar algumas estratégias ou contradispositivos aos preconceitos, mediante abordagem metodológica condizente aos propósitos dos saberes gerontológicos, ou seja, a partir de uma perspectiva interdisciplinar e com foco social (LODOVICI; SILVEIRA, 2011).

⁵ Alerta-se a certos discursos, por exemplo, quando diminutivos são dirigidos aos idosos: “O velhinho da banca de jornais”, “Bonitinha que é essa velhinha!”, “Cuidado, avozinho, eu mesma faço isso!” (esses idosos têm nome e muito certamente não gostariam de receber esses epítetos); caso também de “Vovó, essa roupa não tá legal na senhora!”): todos esses discursos alegam-se afetivos por “proteção e cuidado”. São discursos que ninguém estranha à primeira vista — embora não deixem de ser preconceituosos, fato esse que vem sendo já orientado em termos legais: “Seguindo...o Primeiro Plano de Ação da ONU (VIENA, 1982), é fundamental que governantes, legisladores, pesquisadores, mídia e o público em geral mudem o olhar em relação ao idoso, abandonando a perspectiva de mera “proteção e cuidado”, privilegiando o envolvimento, a participação e a valorização de suas escolhas — principalmente as afetivas” (SILVA, 2007, p. 81).

Em suma, diante das considerações até aqui feitas, pode-se dizer que a visão da sociedade sobre a pessoa idosa continuou a situá-la em um lugar marginalizado, como se ela não tivesse competência para fazer mais nada pela sociedade; esquece-se de seu valioso papel social junto aos filhos, junto aos netos, junto a toda a família.

Por outro lado, em função das mudanças que passaram a acontecer no mundo, uma nova posição vem sendo assumida pelo próprio idoso, a partir das perspectivas de uma vida que se prolonga cada vez mais, e para a qual o idoso busca novas oportunidades de vivências: de trabalho, de um novo amor, de sexualidade, de novas amizades, de uma vida voltada às práticas sustentáveis etc.

Vê-se que o novo perfil da pessoa idosa que se vem configurando na sociedade envelhecida do século XXI se, por um lado, acarreta uma maior visibilidade da velhice, por outro, evidencia com destaque um de seus problemas, não-superado, que é o da discriminação social por meio de discursos verbais e gestuais (condutas, atitudes), presentes nas interações diárias, manifestos contra a pessoa idosa.

Como os teóricos sociais e da linguagem caracterizam o preconceito social etário? Estas são as discussões a seguir em que o preconceito é visto a partir de um relato contrastivo de duas apreciações teóricas com sua problematização por três teóricos-base quanto a esse tema.

Este capítulo tem, pois, o propósito de articular algumas características da questão do preconceito social, buscando-se contrastar as perspectivas dos teóricos Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Agnes Heller, e o mais atual, José Leon Crochick.

À vista disso, pretende-se trazer algumas das discussões feitas por eles sobre o tema, e as diferenças sobre o que teorizaram sobre a questão do preconceito, que poderão iluminar nossa análise dos dados coletados nesta pesquisa.

Heller, filósofa postuladora da Teoria da Vida Cotidiana⁶, evidencia em seus trabalhos um forte domínio do pensamento marxista na história e, por conseguinte, seu estudo marca-se por traços sociológicos, mostrando como as pesquisas de Adorno, Horkheimer, e Crochick ligam-se à Teoria Crítica da Sociedade⁷, na esteira das teorias de Freud e do materialismo dialético de Marx.

Para Heller (1977), citada por Granjo (1996), “a vida cotidiana é um conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos homens particulares,⁸ os quais, por sua vez, criam a possibilidade de reprodução social” (p. 19). Sob a perspectiva helleriana, em sua Teoria da Vida do Cotidiano, o preconceito é compreendido como uma categoria do pensamento⁹ e do comportamento do cotidiano, quando ambos se alienam (Heller, 2008).

O preconceito, como elemento de um cotidiano alienado, representa o controle de um indivíduo pela vida cotidiana, de forma que esse indivíduo torna-se mais suscetível às formas de dominação, por estar totalmente submetido aos paradigmas estipulados por uma universalidade social alienada.

Considere-se que, quando a pessoa se aliena, ela se torna incapaz de infringir qualquer estrutura do pensamento ou do comportamento, mesmo em

⁷ “Uma teoria [...] [que] procura trazer novos elementos para repensar o próprio cotidiano e permite ir além das formas do pensamento do senso comum.” (GUIMARÃES, 2002, p. 11).

⁸ “O homem particular, como objetivo de conservar-se, apropriar-se do mundo e, nessa atividade, ganha consciência de si mesmo e do mundo, simultaneamente.” (GRANJO, 1996, pp. 31-32).

⁹ “Pensamento cotidiano é um pensamento fixado na experiência, empírico e, ao mesmo tempo, ultrageneralizador. Quando falamos aqui em ‘pensamento’, não queremos referir a teoria. O pensamento implica também em comportamento.” (HELLER, 2008, p. 63).

contextos cotidianos em que tais paradigmas demandam uma ultrapassagem. Essa pessoa vivencia o enfraquecimento de sua singularidade (HELLER, 2008). Ou seja, conforme a autora, o método de funcionamento do cotidiano alienado acarreta a constituição de um indivíduo que segue preceitos de ações e pensamentos predeterminados, recorrendo a pensamentos ultrageneralizadores, na sua capacidade de assumir decisões de caráter singular. Nesse sentido, a sociedade oportuniza a retenção dos questionamentos e críticas, de modo que as maneiras de realizar, pensar e sentir do indivíduo não conseguem superar os paradigmas característicos de tal cotidiano alienado.

Heller (2008) problematiza ainda mais suas reflexões:

A estrutura pragmática da vida cotidiana tem consequências mais problemáticas quando se coloca em jogo a orientação nas relações sociais. Na maioria das vezes, embora decerto nem sempre, o homem costuma orientar-se num complexo social dado, através de normas, dos estereótipos (e, portanto, das ultrageneralizações), de sua integração primária (sua classe, camada, nação). No maior número dos casos, é precisamente a assimilação dessas normas que lhe garante o êxito. Essa é a raiz do conformismo. Todo o homem necessita, inevitavelmente, de uma certa dose de conformidade (pp. 66-67).

Heller (2008) refere que existem duas possibilidades de se chegar à ultrageneralização, particularidade do pensamento e comportamento cotidiano: por um lado, admitir estereótipos, analogias e esquemas já produzidos; por outro lado, não se dar conta de que eles são determinados pelo ambiente em que o próprio indivíduo está inserido. Sendo assim, a ultrageneralização é algo imperativo na vida cotidiana. Conforme afirma a autora, “toda a ultrageneralização é um juízo provisório ou uma regra provisória de comportamento” (p. 64).

A autora ainda menciona que todos os preconceitos são frutos de “falsos juízos de valor”, uma camada do plano cotidiano que se insinua fundamentalmente em ultrageneralizações de conteúdos de acordo com a

tradição difundida ou a partir de conteúdos afetivos instituídos pelos próprios experimentos antecedentes.

Esses “falsos juízos de valor” são concretizados, via de regra, pelas hierarquias dominantes e deles o indivíduo assimila conteúdos, seja por uma tomada de atitude moral e/ou identificação de uma estereotípia, configurando uma circunstância de alienação do comportamento e pensamento cotidianos. Assim sendo, os objetos e conteúdos de preconceito podem proporcionar um caráter comum, consentindo com visões morais ou religiosas de um estipulado grupo ou classe social.

Heller (2008) explicita ainda que o que sustenta a preservação do preconceito - uma “falsa ideologia” - é um contentamento de causas específicas e uma percepção de defesa dos conflitos, um conformismo movido às últimas implicações, quando a pessoa incorpora pensamentos pré-estabelecidos, fazendo com que suas determinações percam os traços particulares de individualidade. A busca por uma relação social não conflitiva leva o indivíduo a facilmente apreender conteúdos concluídos, que servem à sustentação e concretização da ordem social.

Portanto, todo o preconceito é eticamente negativo, para a autora, no sentido de que impede a autonomia do indivíduo, minimizando as alternativas de uma designação historicamente positiva.

Crochick (2000) refere que os autores da Teoria Crítica da Sociedade pressupõem que o preconceito apresenta particularidades sociais, o que não significa que se trate de o acontecimento manifestar-se excepcionalmente no contexto social, mas que é movido também por necessidades psíquicas. Por conseguinte, refletir o preconceito, na visão das pesquisas desses autores, implica não desprezar a configuração psíquica das pessoas.

Acrescenta ainda o autor que a organização psicológica é oriunda das circunstâncias históricas da sociedade. Consequentemente, as predisposições e comportamentos dos preconceituosos podem ter procedência de determinadas características de personalidade, consideradas dentro do âmbito social no qual tais sujeitos estão incluídos. O preconceito pode, então, ser definido como um fruto de associações entre os estereótipos produzidos pela cultura e os conflitos psíquicos, elaborados de modo individual sujeito por sujeito.

Adorno e Horkheimer (1985) ponderam o preconceito como uma classe que expõe aspectos objetivos e subjetivos, supondo os aspectos subjetivos como elementos categóricos para se pensar o acontecimento. Para eles, o preconceito proporciona aspectos objetivos, tendo em vista que a pessoa preconceituosa se baseia em princípios sociais para explicar sua postura; entretanto, os aspectos subjetivos é que irão definir a correlação entre indivíduo e objeto, correlação cristalizada, ortodoxa, que contrapõe experimentos singulares de probabilidades anteriormente contidas.

O objeto de preconceito será selecionado pelo preconceituoso conforme suas experiências anteriores, apreendidas no processo de assimilação da cultura.

O item de generalização consentirá que o sujeito, propenso ao preconceito, atribua predicados e julgamentos ao objeto de preconceito, caracterizando uma compreensão alterada da realidade. Entretanto, este sujeito não adquire meramente as ideias ou estereótipos da cultura, uma vez que essas deformações da realidade atribuem-se a enfrentamentos psíquicos experimentados pelo preconceituoso (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Franciscatti (1998) explica que estas deformações da realidade são propagadas no âmbito social por intermédio do senso comum - as ideologias, cooperando para o estabelecimento do preconceito. Segundo ele, as ideologias

transmitem o modo de composição da sociedade, e estão especificamente integradas a um pressuposto que serve a uma valorização burguesa, fundamental à conservação do *status*.

Conforme Crochick (1996), no instante em que o sujeito executa o experimento de assemelhar-se do ideal instituído pela cultura, está presente o mecanismo de “mímese”, ou seja, imita-se o que é socialmente estimado. Contudo, enquanto a “mímese” primitiva permitiria tornar o sujeito destituído dos preconceitos, convertendo o desconhecido em habitual, a reprodução deste ideal torna o processo contrário, atuando numa fragmentação entre o sujeito e a objetividade, convertendo o que é habitual em desconhecido.

Desse modo, Crochick (1995) explana que os princípios ou especificações culturais que o ideal da cultura gera, por meio do intermédio do processo de “falsa mímese”, irão consentir as prováveis identificações do sujeito e a apropriação ou não dos estereótipos.

Os estudos de Adorno e Horkheimer e Crochick mostram que o preconceito proporciona atributos sociais acentuados, mas tal acontecimento não se manifesta excepcionalmente no contexto social, uma vez que é intercedido também por necessidades psíquicas.

Adotando uma posição distinta, Heller não despreza as questões afetivas (ou subjetivas) existentes, mas discute principalmente os aspectos objetivos, históricos e sociais. A autora pondera que o preconceito decorre de uma assimilação concretizada basicamente pelo processo histórico, o que afasta reflexões a respeito dos processos psíquicos e subjetivos dos sujeitos.

A generalização referida por Crochick tem relação com o conceito de ultra-generalização de conteúdos afetivos, descrito por Heller. A generalização viabiliza a atribuição de estipulados aspectos e análises do preconceituoso ao

objeto de preconceito, aspectos derivados do processo histórico/cultural da sociedade.

Heller irá ponderar que o preconceito nada pode dizer sobre a singularidade do preconceituoso, precisamente por considerar que este procede de uma assimilação, uma falsa consciência concretizada por um processo histórico.

Discordando dessa perspectiva, Adorno e Horkheimer asseguram que o preconceito diz mais do preconceituoso do que do objeto ao qual se aponta, isto porque o estereótipo existente nele, comumente diz respeito às estruturas de projeção do preconceituoso. Crochick complementa dizendo que estas estruturas de defesa processadas, apresentam também elementos de constituição objetivos, mas a falsa “mímese” como componente de atuação subjetiva pode desvirtuar significados e aspectos, atuando numa deformidade da realidade.

Por fim, em ambas as visões, o conceito de ideologia aparece como categoria especificamente vinculada ao processo de elaboração dos preconceitos. Na percepção dos autores da Teoria Crítica da Sociedade, as ideologias têm a finalidade de amparar o processo de deformidade da realidade exercido no preconceito. Para Heller, o conceito de falsa ideologia está fundamentalmente conectado à maneira de funcionamento do cotidiano alienado, no qual o sujeito reporta modelos definidos pelo âmbito social.

É no âmbito social, que inclui não apenas as relações entre as pessoas na sociedade, mas especialmente as relações entre familiares, vizinhos, amigos, que se manifesta o objeto de pesquisa desta investigação: o Idadismo.

Idadismo (ou Ageísmo ou Etarismo)¹⁰, termo que caracteriza o preconceito¹² e a conseqüente discriminação a pessoas de mais idade, é fenômeno que continua renitente na sociedade, apesar das quatro décadas de explicitação de sua natureza e contestação por Butler (1969) e por seus seguidores.

É de se notar que a presença permeante do Idadismo nos discursos, gestos ou atitudes das pessoas se faz de forma que estas não se deem conta de que estão, de fato, sendo preconceituosas e discriminadoras.

Butler (1969; 1980; 2006) explicita de forma clara como o processo se configura, injustificável em sua permanente ocorrência; justamente por não ter absolutamente qualquer fundamento um olhar preconceituoso que atente contra as relações humanas, em particular no detrimento de uma relação intergeracional bem-sucedida.

Preconceito que resulta de uma condição de ignorância de um ser humano para com outro ser humano: em sua condição subjetiva, alguém, por ter mais idade, não deixa de ser um homem ou uma mulher.

A atitude preconceituosa demonstra intolerância ao que se apresenta, de alguma forma, aparentemente diferente de si próprio, como se a ação de fatores inexoráveis (passagem do tempo, contexto de vida e trajetória pessoal), não afetassem similarmente a todos os seres humanos.

Quando dirigidos ao grupo etário de mais idade, os discursos preconceituosos são o mais forte sintoma de não reconhecimento, por muitas

¹⁰ O Ageism foi assim cunhado em 1975, pelo pesquisador norte-americano do envelhecimento, e internacionalmente reconhecido líder em Gerontologia e Geriatria, Robert Butler, que desde 1968, como hematologista, a seguir geriatra e psiquiatra, já reconhecera, durante seus próprios estudos e depois no cotidiano da prática hospitalar, a discriminação contra os idosos, cunhando, então, o termo “preconceito contra a idade”, como Ageism (em português do Brasil traduzido por Idadismo ou usado o anglicismo Ageísmo). Foi o fundador do National Institute on Aging, o primeiro centro internacional privado, sem fins lucrativos, dedicado exclusivamente para enfrentar as problemáticas do aumento sem precedentes da longevidade e envelhecimento da população norte-americana. Disponível em: <http://agingresearch.org/content/article/detail/915>. Acesso em 02 de maio, 2013.

peças, da heterogeneidade que é característica do processo de envelhecimento (MAGALHÃES; FERNANDES; ANTÃO; ANES, 2010).

O Idadismo continua a se manifestar no discurso cotidiano em afirmações verbais ou gestuais, particularmente dos mais jovens.

Tais atitudes revelam uma mera repetição de clichês de seu imaginário que parecem dirigidas a um outro ser, não-humano; como se estes mais jovens não estivessem também em processo de envelhecimento, não se dando conta eles de que todos somos seres envelhecendo, assujeitados indiferentemente a múltiplos “dispositivos”, no sentido de Agamben (2009).

Tais discursos que fazem um uso social perverso da linguagem, verbais ou gestuais, não deixam de ser, na verdade, mitos e fantasias, como diz Bagno (2011), a respeito da questão do preconceito às mais variadas pessoas (contra gordos, baixos, altos, judeus, pobres...), e sem que qualquer análise científica mais rigorosa não deixe de mostrar a não procedência de tais mitos e fantasias e imediatamente possa derrubá-los. Ratifica ainda Bagno (2007, p. 160), “A língua não pode servir para a exclusão social”.

Pinsky (2011, p. 7) enfatiza a ligação conseqüente entre preconceito e discriminação às pessoas vitimadas por tal preconceito:

No passado, gostávamos de dizer que no Brasil não existia o preconceito; éramos uma “ilha de tolerância num mundo intolerante”, e que o brasileiro era cordial por natureza. Hoje não temos mais esta ilusão e começamos a perceber que o monstro da intolerância pode mudar de cara (...) e pode estar ainda mais perto do que imaginávamos. O preconceito e a própria discriminação (discriminação é o preconceito em ação) ganham terreno quando falamos da suposta inferioridade da mulher com relação ao homem, do velho com relação ao jovem... Se o jovem tem a pele mais lisa e mais vigor, perde em experiência e em tolerância e mesmo o mito da criatividade exclusivamente juvenil pode ser questionado por homens que fizeram suas descobertas ou criaram suas obras já na velhice, como Goethe, Leonardo da Vinci e mesmo Albert Sabin.

Ferreira-Alves e Ferreira Novo (2006), pesquisadores de Portugal, ratificam que o Idadismo (*Ageism*) é uma designação para a discriminação social contra determinados grupos etários e que pode ser denominado, além de Idadismo, preconceito geracional. A análise dos dados de sua pesquisa lhes permite sustentar a tese de que indivíduos jovens mostrem, em sintomática tendência geral, uma prevalência de estereótipos negativos¹¹ relativos à idade, às gerações mais velhas no caso, o que é apontado também por Kite, Stockdale, Whitley e Johnson (2005), também por North e Fiske (2012, citados por LEVY *et al.*, 2014).

Mas o mais importante dessa tese não é, no entanto, a constatação dos preconceitos, que tendem a acarretar efeitos negativos à pessoa idosa; o que importa destacar é que são sintomas de tendências que continuam, de forma insistente, permeando os discursos cotidianos sobre o envelhecimento e a velhice; nada parece produzir efeito sobre tais forças sociais que escapam à consciência dos falantes e que impedem a mudança dos discursos idadistas.

Descrito como uma experiência subjetiva reveladora de uma forma de discriminação muito específica, o Idadismo manifesta-se subjacentemente a certos estilos ou modos de tratamento a pessoas idosas, utilizados por familiares, amigos, profissionais e até mesmo pelo Estado (PALMORE, 1999; 2001; 2005).

Allan (2008), como citado por Vergueiro e Lima (2010), prende-se às formas com que se apresenta o Idadismo:

O Ageísmo manifesta-se em três níveis: pessoal (relacionado com as crenças e sentimentos individuais relativos ao envelhecimento), cultural (que se relaciona com a sobrevalorização dos aspectos e dos estereótipos negativos relativos às pessoas idosas) e estrutural (uma conjuntura econômica que retira vantagens às pessoas idosas através da reforma

¹¹ Disponível em: <http://www.science.gov/topicpages/n/negative+age+stereotypes.html>. Acesso em 02 nov., 2013.

compulsiva ou forçada, de baixas pensões ou de acessos limitados aos cuidados de saúde. (p. 187).

Ainda sobre as modalidades de Idadismo, Butler (1980) afirma que: “O impacto destrutivo do preconceito de idade ocorre em três áreas principais: o preconceito social, a discriminação no local de trabalho e o preconceito no sistema de saúde”.¹²

Ou seja, os estereótipos contra as pessoas idosas “[...] prevalecem em uma grande variedade de outros contextos.”¹³ (BUTLER, 2006; LEVY, 2009, *apud* LEVY *et al.*, 2014).

Schaie (1993) objeta que as atitudes discriminatórias à pessoa idosa também podem funcionar em seu benefício, a despeito de seu prejuízo. Tal aspecto é pormenorizado por Paschoal (2007), ao propor os estereótipos positivos atribuindo aos idosos (indiscriminadamente, a bem verdade, o que, a nosso ver, assemelha-os aos negativos), qualidades como: bondade, afabilidade, maturidade, experiência, sabedoria, confiança, entre outras.

E os negativos (os idosos sendo conservadores, caducos, assexuados, dependentes, com problemas de adaptação a novos papéis e lugares). Nesse sentido, o Idadismo pode tornar-se instrumento de exclusão social, uma arma discursiva do combate linguageiro; quando empregado via um discurso aparentemente natural, pouco reconhecível conseqüentemente, faz-se subsistir em ato fortemente discriminatório a seu destinatário-alvo.

Após estas considerações da literatura pesquisada, sugerimos uma reflexão a partir das seguintes indagações: Por que falamos, do modo como falamos, a pessoas idosas, ou sobre elas? Existem defensores da hipótese de que dizeres negativos fortaleçam cognitivamente atitudes negativas, e vice-versa;

¹² “The destructive impact of ageism occurs in three main areas: social prejudice, discrimination in the workplace and bias in the healthcare system” (tradução nossa).

¹³ “[...] prevail in a wide array of other contexts.” (tradução nossa).

portanto, nesse sentido, o modo como se utiliza a língua para falar ao/do idoso pode mostrá-la como fonte de preconceito¹⁴. E de onde vem o poder dominante de um discurso apenas com base na variável etária, tomado, pois, por um “furor classificatório” no sentido de Bernadet (2003)? De uma tentativa, parece, de abrir e garantir um espaço de atuação na sociedade, não importando por quais meios isso seja feito, importando apenas os fins; ou seja, em vez de possibilitar um convívio feliz entre pessoas de várias gerações, tal discurso tenta afastar aquelas pessoas que possam ser adversárias à ascensão familiar, profissional ou política de alguém. Seriam, pois, certas afirmações sobre os idosos, equivalentes a mecanismos de intimidação a eles, visando a sua obliteração ou afastamento?

Segundo Goldani (2010, p. 385) há diferença semântica e de emprego entre *Ageísmo* e *Discriminação por idade*, o que chama a atenção para tal discernimento:

Embora o Ageísmo e a discriminação por idade sejam termos frequentemente usados como sinônimos, o Ageísmo refere-se essencialmente às atitudes que os indivíduos e a sociedade têm frequentemente com os demais em função da idade, enquanto a discriminação por idade descreve a situação em que a idade é o fator decisivo.

A autora exemplifica a discriminação por idade quando um empregador tem a atitude de contratar, promover, re-treinar ou aposentar/dispensar um funcionário com base somente na idade.

Esclarece a autora que, embora reparar na idade de um indivíduo não seja inerentemente ofensivo, agir por estereótipos baseados em idade é claramente um preconceito contra o indivíduo, o que via de regra não é contestado pela sociedade.

¹⁴ O linguista Sirio Possenti (2013) traz, em âmbito maior, a discussão do preconceito em várias de suas matérias jornalísticas de divulgação dos estudos linguísticos, caso de “Por que falamos como falamos”, publicado em 28 jun., 2013. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/palavreado/por-que-falamos-como-falamos>. Acesso em 20 jan., 2014.

A autora defende que o Ageísmo e a prática de discriminação por idade em nosso país devem ser vistos como parte das múltiplas formas de discriminação sofridas pelos indivíduos.

Magalhães *et al.* (2009) mencionam a origem do termo Idadismo: *Ageism* <ingl. *Age*= idade, para caracterizá-lo como um processo de estereótipos e discriminação sistemática contra as pessoas por causa de sua idade avançada, apontando o Idadismo como o terceiro “ismo” da sociedade, após o racismo e o sexismo. Fenômeno tão marcante nas sociedades atuais, o Ageísmo/Idadismo/Etarismo faz ver novos eventos considerados de violência (*bullying*) na sociedade e mesmo no seio da própria família: a intolerância contra as pessoas idosas manifesta em maus-tratos, abusos, negligências etc.

Lasagni Colombo *et al.* (2013) realizaram uma pesquisa com idosos (60-70 anos) residentes em diferentes países latino-americanos (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Honduras, Paraguai, Uruguai e Venezuela), quando ratificaram a presença do Idadismo, apontando diferenças relevantes entre os grupos dos participantes em decorrência de suas condições socioeconômicas, de educação e saúde.

Mendes, Gusmão, Mancussi, Faro e Leite (2005) afirmam que, ainda que não seja novidade a constatada representatividade numérica dos idosos no mundo, tributária ao aumento da longevidade, a sociedade contemporânea se mostra, contudo, não estar até esta altura preparada para esse acontecimento.

Como consequência, novos problemas sociais surgem, como a exacerbação da discriminação por meio de condutas, estilos de tratamento, e convencionalismos presentes nas interações diárias com idosos e/ou conduzidas por meio dos meios de conversação social (FERREIRA-ALVES e FERREIRA NOVO, 2006).

Acontecimentos que recrudesçam ainda mais nestas primeiras décadas do século XXI, tempos de imigração, de acolhimento de novos povos e tolerância necessária para a aceitação do outro, do diferente, que passa a habitar nossas terras, dos *velhos de casa*, que passaram a viver mais, e com que temos que continuar a conviver em sua velhice avançada...

Como pensar em criar um caminho para vencer o Idadismo, assim como outros mecanismos de sujeição ao outro, especialmente a segmentos populacionais menos privilegiados, como o das pessoas idosas? Que é preciso para acreditarmos na possibilidade de nossa potencialidade para tal?

O francês Michel Onfray (1969-)¹⁵ é um dos filósofos contemporâneos que tenta responder a muitas das questões que ele próprio formula para entender o mundo atual, discípulo que é de Foucault — a cuja linha teórica já nos referimos aqui ao nos valermos das reflexões de outro discípulo de Foucault, Giorgio Agamben.

Onfray dá respostas às indagações dentro de numa série de desenvolvimentos constitutivos de seu pensamento existencial radical. Assumindo posição libertária propõe uma prática existencial em todas as ocasiões e em todas as circunstâncias, por meio de possibilidades em ações de microrresistências, ou seja, políticas de resistência, mínimas, contra um adversário mais forte... Segundo ele, onde quer que nos encontremos, devemos produzir o mundo a que aspiramos e evitar aquele que rejeitamos, porque o objetivo, aqui como alhures, é sempre o mesmo: “*criar ocasiões individuais ou comunitárias de ataraxia real e de serenidades efetivas*”. (ONFRAY, 2010, p. 144).

Possibilidades de ação existem? Segundo Onfray, é possível “um mundo habitável e desejável, reduzindo os deuses e os temores, os medos e as angústias

¹⁵ Disponível em: <http://mo.michelonfray.fr/>. Acesso em 1 outubro, 2015.

existenciais.” Estas angústias recebem, *mutatis mutandis*, em seu livro **A potência do existir**, um alento quando ele diz:

Nesse universo de malhas liberais poderosas, construamos utopias concretas, ilhas pensadas como abadias pontuais e reprodutíveis em todos os lugares, em todas as ocasiões e em todas as circunstâncias. Jardins de Epicuro nômades, construídos a partir de si onde quer que nos encontremos, produzamos o mundo a que aspiramos e evitemos este que rejeitamos (p.144).

Assim, é que nos preocupamos em ampliar um pouco nossas reflexões sobre como resistir a discursos preconceituosos, aqui, antes mesmo de passar à análise dos dados recuperados nas entrevistas com as pessoas idosas. Dessa forma, elaboramos as reflexões seguintes, envolvendo as relações entre utopia e velhice, ao propormos reflexões em torno da utopia de um novo envelhecer, a seguir.

A UTOPIA DE UM NOVO ENVELHECER

A filósofa Marilena Chauí (2008) fala de uma famosa obra escrita em latim, **Utopia**, de 1516, escrita por Thomas More (1478-1535), que cunhou o termo “utopia”, que deriva do grego, em que "ou" (latinizado como u-) é um advérbio de negação e "tópos" significa lugar; isso posto, utopia diz respeito a um "não lugar" ou “lugar nenhum”.

Assim sendo, um lugar que não existe: foi essa a maneira sarcástica com que o escritor Thomas More designou sua sociedade ideal, numa narração quase realista de uma comunidade extensamente aprimorada. Segundo ele, os indivíduos não são íntegros, visto que ali, naquela sociedade ideal, também ocorriam delitos. Mas uma sociedade em que se conta com um conjunto de leis mais coletivista, algumas maneiras e concessões recíprocas que propiciam uma sociedade mais feliz e bem-ordenada.

Com base nessa obra de More, o termo "utopia" tornou-se sinônimo de uma sociedade perfeita, ideal, mesmo que de existência impraticável, impossível.

De acordo com o pesquisador britânico Gregory Claeys (2013), a concepção de utopia, no decorrer dos tempos, tornou-se “... uma variação de um presente ideal, de um passado ideal e de um futuro ideal, e da relação entre os três” (p. 7). Esteja o ideal no passado, no presente ou no futuro, o conceito de utopia, muitas vezes, tem alguma influência sobre como se concebe esse estado de existência amplamente melhorado. Sua justificativa encontra reflexão não somente nos conhecimentos míticos, imaginários e religiosos, mas também na ligação do processo real, material e dialético da História. As três etapas do desdobramento do pensamento utópico podem ser denominadas, segundo ele, de mítica, religiosa, e positivista ou institucional. Em cada um dessas fases, algo equivalente a um conceito de utopia age para intensificar nosso pensamento de sociedade e proporcionar expectativas de um mundo incerto.

No entanto, Claeys (2013) especula que, para a palavra “utopia” ter sentido, não se pode querer subsumir todos os anseios ao progresso social. Nem pode ser sintetizada a um impulso psicológico, imaginação, projeção, desejo intenso de conseguir algo, ainda que estas sejam capazes de servir de apoio para sua formação. Muito menos indica a procura pela vida impecável, ainda que esse equívoco costume acontecer; a “perfeição” é, de natureza, um pensamento teológico que, embora historicamente relacionado à utopia, define um estado que é improvável para a humanidade. Por isso, é um desafio conceder uma explicação que se pode dizer como uma utopia. Com diversificadas possibilidades de explicações, a utopia pode ser referida, a priori, como:

ideais positivos de sociedades muito melhoradas; seus opostos satíricos negativos, às vezes, chamados de anti-utopias ou distopias; vários mitos de

paraíso, era de ouro e “ilhas dos abençoados”, e retratos de pessoas primitivas vivendo em um estado natural; robinsonadas (ficções de sobrevivência) ou naufrágios; viagens imaginárias para a Lua e outros pontos do espaço; e constituições planejadas, cidades-modelo e várias outras visões de melhoria. (p. 12).

Em qualquer hipótese, a utopia é determinada particularmente pelas deficiências da própria sociedade - que admite as limitações humanas e busca controlá-las dentro de um conjunto de estatutos e práticas submetidos pela opinião pública - embora a definição destes sempre tenha sido causa de numerosas discussões. Esses conceitos muitas vezes conturbam o porquê que instiga alguns indivíduos a “buscarem utopia com o objeto a ser buscado, que manifestamente não é esperança, mas sim objeto ou realização”. (p. 15). O parâmetro de probabilidade auxilia a restringir e caracterizar a utopia, tal como a compreender sua viabilidade e a desprendê-la do imaginário impossível simplesmente. A utopia, à vista disso, não é o domínio do impossível; no entanto, percorre o possível e o impossível, isto é, é uma eterna busca pelo desenvolvimento humano. Sem ela, a humanidade jamais teria se esforçado para progredir (CLAEYS, 2013).

Seria, nesse sentido, o processo de envelhecimento uma utopia? A velhice idealizada pode ser vista como negação completa de uma realidade existente? Todos nós desejamos as mais diversificadas maneiras de “viver bem”. Cobiçamos muito tempo de vida, mas o viver resulta inevitavelmente no envelhecer. Será possível ter a certeza de um envelhecimento capaz de preservar nossas habilidades intelectuais e a autonomia imprescindível na administração de nossas vidas? Mas como podemos nos preparar para este futuro tão almejado?

Vivemos em uma sociedade em que a busca pelo prazer é priorizada a qualquer custo, em que a dor, o sofrimento, devem ser rapidamente interrompidos, e em que o ideal de saúde perfeita é almejado, reprimindo

nossas reais fragilidades. Se compreendermos o envelhecer dessa maneira, olharemos para a velhice como um estado lamentável?

O preconceito para com os idosos é uma forma de inflexibilidade que limita possibilidades e oportuniza o tratamento desigual. Lutar contra o preconceito indica desafiar conceitos preconcebidos e perspectivas consolidadas que nos impossibilitam de enaltecer a heterogeneidade e as dessemelhanças que nos singularizam como seres humanos. Combatendo a discriminação, desenvolvemos novas práticas de convívio social, incluindo as interações fundamentadas no respeito e na solidariedade entre gerações. Podemos especular que, um dia, o Idadismo será abafado no progresso desse ideal? Demandar este pensamento transformado sobre as pessoas idosas indica reconhecer o indivíduo na sua totalidade e na sua singularidade.

Entretanto, não há certezas para estes novos caminhos, nem ao menos garantias nos novos passos a dar. Nessa perspectiva, arriscar-se por uma ideia ainda em mudança apresenta, mais do que qualquer outra coisa, a habilidade de elaborar novas condutas. Precisamos reestabelecer o não-possível no passado, como uma semente do novo comportamento coletivo.

O processo de transformação almejada significa um extenso trajeto a ser explorado; entretanto, se o primeiro passo não for dado, jamais se cumprirá a mudança desejada. Dessa maneira, a educação pode ser o propulsor da mudança, isto é, o empenho no sentido de configurar novas condutas, novos padrões para uma comunidade menos preconceituosa e capaz de vislumbrar um novo envelhecer — e, aqui, que se deixe registrado: não se trata apenas de pensar a velhice, mas todo um processo de envelhecimento que se inicia com nosso vir ao mundo.

À luz das reflexões que fizemos sobre as relações entre utopia e velhice e da base teórica dos autores estudados neste capítulo é que se passa a analisar e interpretar os dados coletados em entrevista, no capítulo a seguir.

III. ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS E SISTEMATIZADOS; RESULTADOS GERAIS

*“Se no nosso mapa não constar a **utopia**,
nem olhemos para ele porque nos está escondendo o principal.”*
(Oscar Wilde).¹⁶

Inicia-se este capítulo sob a inspiração do aforismo acima, ou seja, do mapa que se pretende trazer dos dados desta pesquisa, mapa em que não deixaremos de ter como seu substrato, base para sustentação e nutrição, a utopia – “o principal”, como nos diz Oscar Wilde (1854-1900), para análise e interpretação de tais dados à luz de teóricos consagrados na temática do preconceito, da estigmatização, da segregação ao humano.

Deve-se ter, de início, a esperança de que algo bom e esperançoso irá emergir, pois não restam dúvidas de que uma nova ordem de relações entre as pessoas precisa ser instituída em nosso país, em todo o mundo, na verdade: em vez da cultura do julgamento ao próximo, do ataque ao outro sob qualquer forma de expressão à pessoa idosa, especialmente como aqui é discutido, teremos uma cultura da esperança, da alegria de uma convivência harmônica entre as gerações, na família, nas instituições, na comunidade, na sociedade — a *utopia de um novo envelhecer*. Utopia que aqui é entendida no seu sentido filosófico, fundante para que qualquer proposta de estudo ou práticas, ou

¹⁶ *Apud*: BOFF, Leonardo. A sociedade do cansaço e do abatimento social. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/01/leonardo-boff-a-sociedade-do-cansaco-e-do-abatimento-social.html>. Acesso em 08 janeiro, 2016.

mesmo deve estar presente ao se analisar e interpretar dados de uma pesquisa como aqui tentamos fazer a seguir.

As indagações que impulsionaram este estudo e que estão registradas na introdução, já traziam nelas esse sentimento. A seguir, relatou-se a trajetória que trouxe a pesquisadora até aqui, e não foi colocado nenhum empecilho ao retratar esta etapa, abastecida de boas impressões.

A composição da amostra foi por conveniência, a gosto dos entrevistados participarem ou não. Os sujeitos desse estudo foram abordados em três espaços permitidos pela instituição e a abordagem a eles se fazia de modo livre e tranquilo: na sala de acesso à internet denominada de “Internet Livre”, na saída do restaurante, na recepção e na biblioteca.

Durante a coleta da pesquisa, o instrumento Diário de Campo foi utilizado para registro de observações e impressões da pesquisadora, por exemplo, sobre os espaços em que sucederam as entrevistas, tais como: a) *biblioteca*: público frequentado mais por idosos do sexo masculino, a maior parte dos idosos com o propósito de ler jornais, em ambiente tranquilo e silencioso; b) *sala de internet*: poucos idosos frequentam este espaço, ambiente também tranquilo e silencioso; c) *recepção*: espaço mais difícil para o encontro com entrevistados, principalmente quando começam a chegar, ansiosos, para o baile, tornando-se o ambiente agitado e barulhento, e sem um lugar apropriado para promover a coleta de dados; d) *saída do restaurante*: a abordagem de possíveis entrevistados deu-se também neste espaço de saída do restaurante, embora a aplicação da entrevista fosse acontecer na sala de internet.

PERFIL DOS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nesta investigação, que contou com um universo de 14 entrevistados, foi possível atestar a prevalência do sexo feminino, com faixa etária de 71-80 anos; estado civil, solteiro; grau de ensino, médio completo; todos residentes da região central da cidade de São Paulo.

A seguir, realiza-se a apresentação dos sujeitos da pesquisa, conforme Quadro 3:¹⁷

Nome	Sexo	Idade	Estado civil	Escolaridade	Endereço
1. Sara	Feminino	63	Solteira	Ensino Médio	Não forneceu
2. João	Masculino	68	Casado	Ensino Fundamental	Zona Leste SP
3. Pedro	Masculino	84	Solteiro	Ensino Médio	Centro SP
4. Paulo	Masculino	76	Casado	Ensino Médio	Zona Norte SP
5. André	Masculino	71	Solteiro	Ensino Superior Completo	Zona Oeste SP
6. Ester	Feminino	76	Viúva	Ensino Superior Incompleto	Centro SP
7. Maria	Feminino	85	Solteira	Ensino Médio	Zona Norte SP
8. Davi	Masculino	68	Viúvo	Ensino Médio	Zona Leste SP
9. Raquel	Feminino	72	Solteira	Ensino Superior Incompleto	Centro SP
10. Eva	Feminino	69	Solteira	Ensino Superior Completo	Zona Sul SP
11. Isabel	Feminino	78	Solteira	Ensino Médio	Centro SP
12. Madalena	Feminino	80	Viúva	Ensino Fundamental	Centro SP
13. Marta	Feminino	77	Casada	Ensino Médio	Região Grande SP
14. Joana	Feminino	65	Viúva	Ensino Médio	Zona Norte SP

Quadro 3: Perfil sociodemográfico dos idosos participantes da pesquisa

FREQUÊNCIA DE EPISÓDIOS COM PRECONCEITO/ DISCRIMINAÇÃO

Os resultados do Quadro 4 a seguir chamam-nos a atenção para o fato de o reconhecimento dos episódios de preconceito/discriminação dar-se de forma relativamente frequente entre os sujeitos. Dos 14 participantes da pesquisa,

¹⁷ Em função do sigilo, seus verdadeiros nomes foram substituídos por heterônimos.

todos mencionam ter-se dado conta de um ou mais tipos dos episódios de preconceito.

Assim como é atestado em Sousa, *et al.* (2014), Ferreira-Alves e Ferreira Novo (2006); Ribas e Pontes (2010); Vergueiro e Lima (2010); e Fernandes, *et al.* (2012). Isso nos indicia como algumas pessoas idosas se posicionam de forma lúcida e crítica, sabendo colocar-se muito bem dentro das variáveis situacionais apresentadas, marcando, pois, que estão longe de ser insensíveis aos discursos ou atitudes dirigidas a elas, atestando que sua sensibilidade continua mantida, apesar do avanço da idade.

Questões	Número de idosos
1. Contaram para mim uma piada que ridicularizava as pessoas com mais de 60 anos.	5
2. Falaram comigo de forma bondosa ou paternalista, devido a minha idade.	13
3. Um profissional da área da saúde (exemplos: médico, enfermeiro...) associam que as minhas dores são devidas à minha idade.	7
4. Sugeriram que eu não ouço bem, devido a minha idade.	3
5. Fui ignorado(a) ou não levado(a) a sério, devido a minha idade.	2
6. Sugeriram que eu não compreendo bem o que me é dito, devido a minha idade.	1
7. Vivenciei outra situação de preconceito: negaram-me um emprego, devido a minha idade.	1

Quadro 4: Frequência de episódios com preconceito/discriminação à pessoa idosa

Das seis questões que compõem a pergunta fechada constante da entrevista semi-estruturada, com maior frequência de respostas constata-se a percepção de discriminação mais expressiva pelos idosos manifesta em aspectos como: assumir paternalismo, ou mostrar-se benevolente, com o idoso (2); contextos de saúde (3); e contar anedotas ridicularizando a velhice (1).

Esses resultados nos indicam que os idosos, aqui, mostram sua capacidade de discernimento ao se posicionarem diante das modalidades diversas de preconceitos, o que faz cair por terra a afirmação genérica,

homogeneizante, de que as pessoas idosas tornam-se, cada vez mais, alheias aos acontecimentos do dia a dia.

Comparando este estudo e os de Sousa, *et al.* (2014), Ferreira-Alves e Ferreira Novo (2006); e Fernandes, *et al.* (2012), pode-se destacar, após análise dos resultados em função da frequência de respostas, além de similaridades, oscilações de valor entre o estudo atual e tais investigações:

De um lado, o estudo de Sousa, *et al.* (2014) sobre a posição dos idosos quanto à sua percepção de preconceito/discriminação mostrou maior frequência em: *Contar anedotas ridicularizando a velhice* (1); *Assumir paternalismo ou mostrar-se benevolente com o idoso* (2); *Atribuir dores devido à idade* (3).

De outro lado, as demais pesquisas, de Ferreira-Alves e Ferreira Novo (2006), e Fernandes, *et al.* (2012), constataram maior frequência em: *Assumir a surdez devido à idade* (4); *Falha na habilidade de compreensão devida à idade* (6); *Associar dores à idade* (3); e *Paternalismo devido à idade* (2).

ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS EM SITUAÇÃO DE ENTREVISTA – matizes/matrizes outras do preconceito etário

Várias matizes do preconceito se manifestaram nesta análise dos dados, e com mais frequência do que se gostaria de admitir, tanto que levam a pensar que funcionem também como matrizes geradoras e corroboradoras à permanência do preconceito na sociedade.

Fazer essas matizes/matrizes do preconceito emergir nas falas dos entrevistados, não foi tarefa fácil, dado que os próprios idosos as tomam como algo normal da conversação cotidiana, só se apercebendo delas quando são

alertados para o papel insidioso, maldoso, que tais matizes oferecem nos discursos.

Analisá-las, interpretá-las à luz dos saberes gerontológicos, seria a possibilidade de atenuar sua força?, isso é que se gostaria de admitir. De qualquer forma, o objetivo aqui é o de levantar material para que se possa discutir mais esse tema, agora, ou posteriormente em novas pesquisas.

A discussão sobre o preconceito é recomendada pelo Ministério da Educação em escolas da educação fundamental e ensino médio (PINSKY, 2003, p. 7). No âmbito das pesquisas acadêmicas, a nosso ver, representa mais que um avanço, mas uma necessidade que se afigura como questão emergente e emergencial. Justamente porque o preconceito resulta da intolerância a outro ser humano e “o monstro da intolerância pode mudar de cara (ele tem mais de 12 faces) e pode estar mais perto do que imaginávamos.” (PINSKY, 2003, p.7).

Segundo ainda Pinsky, “O preconceito e a própria discriminação (discriminação é o preconceito em ação) ganham terreno quando falamos..., do velho com relação ao jovem” e vice-versa etc. Cada matiz preconceituosa tributária à idade, a seguir, pode servir de elemento catalizador de mais discussões produtivas a partir desta pesquisa e, a nosso ver, de um avanço nas relações entre as pessoas, quando todas se aperceberem de que não devem mais abrir espaço em suas falas para manifestações que possam “tocar na ferida” do outro, fazer o outro sofrer mais do que sofre...

A seguir, uma categorização de alguns dos matizes preconceituosos ligados à idade:

(1) Negação de oportunidades no mercado de trabalho associada ao preconceito etário

Sara, 63 anos, uma das entrevistadas, aposentada há dois anos, não apontou nenhuma das alternativas de situação de preconceito, citadas durante a

entrevista. Quando lhe foi perguntada, porém, se vivenciou alguma outra situação preconceituosa, ela pronta e objetivamente respondeu:

“Tenho sofrido preconceito para conseguir emprego.”

Sara chegou a esta afirmação após participar de algumas entrevistas de emprego e perceber o preconceito que os empregadores têm em contratar pessoas com idade, no caso dela com pouco acima de 60 anos, e plenamente lúcida e ativa. A idosa ainda complementou sua resposta com algumas justificativas que ouviu, como por exemplo:

“Aqui na Agência não temos vagas para sua faixa etária.”

“Aqui, é só jovem, porque o pique é muito forte.”

A entrevistada chegou a uma conclusão: *“Com o avanço da tecnologia, as empresas buscam os jovens”*. Contudo, inconformada com essa situação, reitera a necessidade de dois tipos de mudanças de mentalidade no mercado:

- em relação à questão etária (*“As empresas deveriam mudar essa visão e utilizar os idosos”*); e

- em relação ao reconhecimento pela empresa do comprometimento do segmento idoso (*“É um pessoal comprometido com uma empresa”*).

Ao final da entrevista, a entrevistada Sara expressou que, apesar de considerar quase impossível que se implantem logo as mudanças relativas às possibilidades de abertura de vagas para idosos, dada a exigência do incessante avanço tecnológico nas empresas, não acompanhado por gerações que não a dos mais jovens, ela recomenda a insistência dos idosos, que não devem desistir:

“Se tem o propósito de continuar trabalhando, continue em busca de trabalho.”

A necessidade de continuar a trabalhar, a tentativa de retorno à vida ativa por parte dos idosos, evidenciaram-se em reportagem midiática de título “Os idosos voltam ao mercado de trabalho”¹⁸ (Estadão, 2015) que justifica que o declínio no poder de compras das famílias e o crescimento do desemprego dos mais jovens têm induzido um número elevado de pessoas idosas a procurar um emprego remunerado.

Além disso, uma pesquisa do IBGE revelou que, no segundo trimestre/2015, cerca de dois milhões de pessoas estavam desempregadas, ou em busca de trabalho; destas, 502 mil têm 60 anos ou mais; sendo, pois, que os maiores índices de desemprego atingem mais as pessoas acima de 60 anos.

Envelhecer é mesmo um desafio, e em múltiplas dimensões. Além de todos os problemas com a falta de espaço de trabalho aos idosos, a experiência do processo de envelhecimento pode ser prejudicada pela ainda vigência de estereótipos negativos, de preconceito e de discriminação. Neri (2005) considera que o preconceito associado à velhice ambos acarretam políticas e condutas sociais marginalizadoras, que podem, de fato, impossibilitar os idosos de adquirir um novo emprego, por exemplo.

As oportunidades, portanto, de retorno a um trabalho regular fecharam-se às pessoas idosas. Faz ver isso o que foi denunciado pela entrevistada Sara, 63 anos: a justificativa pela negativa das empresas de mercado, se tornada clara, ratifica o que se sabe estar tacitamente estabelecido, em forma de preconceito etário:

- a não aceitação de pessoas de faixa etária que não a de jovens (“*Aqui na Agência não temos vagas para sua faixa etária.*”). Fica aqui claro que esta afirmação já faz parte da imagem negativa que o mercado de trabalho brasileiro

¹⁸ Reportagem do site: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,idosos-voltam-ao-mercado-de-trabalho,1758006>, cujo autores são Indiana Tomazellie e Vinícius Neder. Acesso em 5 de janeiro, 2016.

conserva do idoso de que, por ter idade, perdem-se competências e habilidades para o trabalho;

- a afirmação da incapacidade laborativa de uma pessoa idosa (“*Aqui, é só jovem, porque o pique é muito forte.*”). Longe de bem-intencionada, compõe esta justificativa uma espécie de “preconceito positivo”, como se fosse desejável proteger o idoso da carga de trabalhos que exigem destreza e rapidez, o que também se afasta da realidade.

Essas duas últimas situações falaciosas, sabe-se que são, na verdade, mitos e fantasias que uma análise mais rigorosa não deixaria de derrubar: um idoso sabe, por si mesmo, quando necessita parar de trabalhar: esta é uma decisão de foro íntimo e não pode ser externa, uma imposição antiética do mercado de trabalho. É uma falácia dizer que é preciso ser jovem para aguentar o pique de um trabalho, por mais forte que este seja; pessoas em meia-idade ou já na velhice também estão aptas a enfrentar piques de trabalho. Na comparação entre jovem e velho, afirma Pinsky (2003, p. 7):

“Se o jovem tem a pele mais lisa e mais vigor, perde em experiência e em tolerância, e mesmo o mito da criatividade exclusivamente juvenil, pode ser questionado por homens que fizeram suas descobertas ou criaram suas obras já na velhice, como Goethe, Leonardo da Vinci e mesmo Albert Sabin”.

Portanto, o mito da inferioridade da pessoa idosa no mercado de trabalho tem que ser levado em consideração e sempre combatido, por ser falso, sem qualquer fundamento histórico ou biológico. Segundo Pinsky (2003, p.8):

Acaba funcionando para marginalizar da prática da cidadania todos os que se enquadram em categorias definidas pelo preconceituoso como merecedoras do repúdio coletivo. Será que é assim que se forma uma nação verdadeiramente democrática?

(2) Mobilidade pública por ônibus ou metrô *versus* preconceito etário: evidências de atitudes preconceituosas

Das 14 pessoas idosas entrevistadas, 13 mencionaram com clareza que já vivenciaram a situação de preconceito, a partir do quesito relativo a uma determinada situação, como esta: *Comunicaram-se comigo de forma condescendente ou paternalista, devido à minha idade*. Entretanto, apenas oito relataram ser este um acontecimento marcante em suas vidas. O tom condescendente ou paternalista na oralidade pode ser entendido como aquela pessoa ter educação de berço, querer ser gentil — mais outra espécie de “preconceito positivo”, como se fosse desejável o idoso receber condescendência ou paternalismo de pessoas mais jovens.

Por outro lado, grande parte dos entrevistados exemplificam fatos preconceituosos ocorridos em transporte coletivo urbano: ônibus e metrô. São eles:

João, 68 anos, foi exemplar nesse sentido, referindo que a situação de os passageiros associarem, no idoso, a incapacidade física, é muito rotineira no ambiente de ônibus e metrô:

“As pessoas oferecem lugar no ônibus.”

Ele afirma que atualmente não se incomoda mais com esse oferecimento, mas a primeira vez que o experimentou, sentiu-se, de fato, muito incomodado:

“Pra falar a verdade, no começo, pela primeira vez, incomodou. Mas depois, não. A primeira vez, eu senti um impacto (...) Porque... depois a gente se conscientiza mais da idade... Foi caindo a ficha! (...) Mas todas as outras foram de maneira respeitosa... Ofereceu por educação.”

Pedro, 84 anos, também mostra o quanto se deixa afetar por esse tipo de preconceito trazido pela generalização, na sociedade, de fragilidade física à condição de ser idoso:

“... o que mais me chama atenção é quando entro numa condução que me cedem muito lugar. Não é uma pessoa, mas duas, três, levanta para me ceder o lugar.”

Também Pedro assegura que não se incomoda mais por esse oferecimento:

“...vejo como positivo... a pessoa é educada, tem consideração pelo idoso.”

Confessa, porém, ao mesmo tempo, que não aprova isso e se sente constrangido:

“Eu não gosto (risos) ... Porque no fundo não me sinto velho (risos).”

O constrangimento, o desagrado do idoso, diante de uma atitude coletiva dos passageiros, demonstra que, ele percebe que, por trás de atitudes aparentemente bem-intencionadas, mostra-se que faz parte da imagem negativa do idoso na sociedade sua incapacidade física, até mesmo de ficar de pé em um veículo de transporte.

Ao contrário dos outros idosos citados, **André, 71 anos**, relata com precisão que essa postura causa-lhe incômodo:

“Eu não gosto de... de levar vantagem. Se a pessoa está sentada que permaneça. Eu consigo ficar de pé do mesmo jeito.”

Maria, 85 anos, não revela a situação de preconceito/discriminação que aconteceu com ela; contudo, enfatiza que:

“Faz muito tempo já. Já não era nem tão idosa. Mas já era idosa. [Foi com quantos anos que isso aconteceu?] Deve ter sido com uns 80 mais ou menos.”

Semelhantemente a André, Maria não aceita uma conduta desse tipo dirigida a ela:

“Não me senti mal... Expliquei para a pessoa que não precisa disso (...). A educação tem que ser em qualquer idade. Essa situação, eu não permito mesmo. Só por causa da minha idade, eu não permito.”

Assim como os outros idosos, **Davi, 68 anos**, concorda que acontece no ônibus, mas acrescenta também outros locais: bancos e lojas. O que difere é que ele classifica estas atitudes como benevolentes.

“Me tratam bem. (...). Isso se chama caridade, o amor ao próximo, ajudar o próximo. Isso é bom porque...inclusive para as crianças ver (...). Acaba aquela mentalidade só agressiva do dia a dia. Então, eu acho bom! Não só para mim, como pra pessoa também. Porque é uma coisa boa.”

Madalena, 80 anos, afirma: *“...mas acho que foi brincadeira, né?! Nunca me ofenderam”* Ela acredita, assim como Davi, que é uma conduta afetuosa. Sob outra perspectiva, destaca-se o desprezo em relação às pessoas idosas que sobrevivem, basicamente, nos meios de transporte públicos e integra, com maior relevância, os jovens e condutores de ônibus, corroborando, o que diz **Raquel, 72 anos**:

“Quando as pessoas reivindicam lugar, que é (...) por direito (...) pro idoso e as pessoas reagirem de forma negativa, desmoralizando a pessoa, chamando de ‘velho’, e tudo mais, né? (...) Fingir que tá dormindo, entendeu? Sendo indiferente. Eu acho que é por falta de conhecimento (...) por ignorância e outros porque realmente, não sei o que eles acham, por falta de educação, né?”

Um outro transtorno é quando o motorista não atende ao sinal para descida do passageiro idoso, quando o mesmo está no interior do ônibus, o que pode levar o passageiro idoso a andar mais, até alcançar o destino pretendido, e ratifica mais uma desqualificação por parte do condutor do veículo com o idoso.

Joana, 65 anos, assim como os outros idosos, afirma também ter vivenciado o episódio em que *falaram de forma condescendente ou*

paternalista por conta da sua idade; enfatiza, porém, que a situação preconceituosa que mais a marcou foi ter sido ignorada por conta da sua idade em um transporte coletivo alternativo:

“...Eles não gostam que se toque a campainha. Prefere que fale com ele assim: ‘Eu quero descer no próximo ponto’, né?! Ai eu falei: ‘Por favor, você para no próximo ponto, pra mim?’ E ele... tava dirigindo... ‘Por favor, você pode parar no próximo ponto, para mim?’ Não falou nada, ignorou. Chegou no ponto, ele passou. Ai, eu falei: ‘Motorista, eu pedi pra você parar no próximo ponto.’ Ai ele falou: ‘Ah... mas a senhora... tá pertinho. A senhora volta um pouquinho.’ Mas, aí, eu só disse: ‘Mas não devia, né?! Porque eu pedi para o senhor parar lá.’ Ai ele parou distante assim... Uns 10 metros depois do ponto.”

Conforme Minayo (2003), o insulto se manifesta, principalmente, através do menosprezo dos profissionais de transporte urbano. Semáforos bastante acelerados, calçadas danificadas, e solavancos nos ônibus, caracterizam hostilização à pessoa idosa usuária do transporte coletivo.

Camarano (2007) argumenta que a truculência à população idosa pode ser interpretada como posturas preconceituosas, perpetuadas ao longo dos anos pela desinformação ou má informação por parte de motoristas e cobradores de ônibus, mas que não deixam de afetar a integridade física e emocional das pessoas idosas, e impossibilitando o exercício de seu papel social de passageiros.

(4) Insulto/xingamento: o subjacente preconceito etário

“Qualquer coisa que a pessoa de idade desagrada, já chama a pessoa de velho: ‘Seu velho chato! Seu velho não sei o quê!’ Isso é discriminação. Quando você é novo, nego não diz: ‘Seu novo chato!’ Não diz, né?! Mas se for velho é ‘velho chato!’ Eu tenho meus conceitos, como eu falei pra você. Eu não gosto desse negócio de terceira idade (...). Pra mim tudo isso é discriminação. É discriminação leve... leve. É... (...) mais afetuoso. É um negócio leve, não é uma discriminação contundente. (...) é cultural.” (Paulo, 76 anos).

Essa manifestação do entrevistado Paulo mostra que, no caso da pessoa idosa, o preconceito pode se manifestar de modo ainda mais marcado e mais cruel, quase que em formato de insulto ou xingamento: *“Seu velho chato! Seu velho não sei o quê!”*.

(5) Atitudes generalistas ou generalização de atitudes, devidas ao preconceito etário

“Às vezes, tem um amigo meu: ‘Ô velho!’ Mas eu acho... coisa assim mais carinhosa, como amizade (...) não é preconceito, não é negativo, é carinhoso... então, tudo bem! Eu... eu levo tudo na esportiva. Eu não sou uma pessoa fechada (...) não tenho esse problema. (...) Gosto... Converso com pessoas de todas as idades, desde criança até mais idoso. Pra mim, tudo igual. Não tem preconceito de nada, não tem diferença.” (Davi, 68 anos).

“No ciclo que eu frequento da Terceira Idade, todo o mundo trata todo o mundo igual. Mesmo a minha convivência com os mais jovens, sou muito respeitado. Nunca me chamaram de velho, ou de vovô, ou terceira idade. NUNCA, NUNCA! É... eu acho isso bom.” (Pedro, 84 anos).

“Uma vez no metrô, é... eu já tava sentado, e aí sentou uma senhora com uma criança e a criança começou a mexer com os pés, né?! Aí a senhora falou para ela: ‘Filha para! Vai sujar a calça do vô!’ (risos). Foi a primeira vez que ouvi isso. Ela falou de maneira carinhosa.” (João, 68 anos).

Nas ocorrências anteriores, a manifestação preconceituosa por causa da idade era evidente, como por exemplo, negar o emprego por causa da idade; negar que o idoso possa ter pique no trabalho; negar a capacidade do idoso de ficar em pé nos ônibus/metrôs, atribuindo-lhe incapacidade física ou mental; insulto ou xingamento por causa da idade.

Há, porém, ocorrências verbais em que o preconceito surge travestido de atitudes generalistas, ao se referir, por exemplo, à pessoa por seu grupo. Ex.: *“Filha, para! Vai sujar a calça do vô!”* Nesse caso, generalizar ou reduzir todos os idosos à categoria de “vô” é postura simplista, homogeneizadora,

como se todos os idosos fossem iguais, sem qualquer diferença relativa à história de vida, à saúde, à cultura etc.

(6) Ironia ou eufemismo devido a preconceito

“Nem parece que tem toda essa idade...”¹⁹

(7) Desdém devido a preconceito

“Quem gosta de velho é reumatismo.”²⁰

(8) Falso e protetor carinho devido a preconceito

“Vovô, deixe que eu cuide de tudo. Você tem que ficar descansando.”

(9) Dor e o preconceito de sua irremediável ocorrência na velhice

Não, isso não é verdade; o que existe é o preconceito que associa dor à velhice, como por exemplo:

“Ah, é idoso mesmo; então, tem que ter dor.”

“Chegou na terceira idade, faz parte ter dor.”

Vale ressaltar que a pessoa idosa não tem que ter mais dor por causa do avançar dos anos. Só lhe ocorrem mais situações que podem lhe trazer dor. Estas dores são mais prevalentes nos idosos porque estão associadas a comorbidades típicas do avançar dos anos.

Entretanto, das 14 pessoas idosas entrevistadas, sete registraram que já vivenciaram a situação de preconceito contra alguma de suas características adquiridas com a idade:

¹⁹ Ocorrência preconceituosa aqui inserida para ilustrar as modalidades existentes de preconceito, sendo dado extraído de Leme, Luiz Eugênio Garcez. “Quem gosta de velho é reumatismo”. In: PINSKY, 2003, p. 39. PINSKY, 2003, p. 39.

²⁰ Idem a ¹⁹.

Raquel, 72 anos, testemunha que se sentiu muito mal quando foi para uma consulta médica e o médico/dermatologista, *“um senhor de idade”*, afirmou que ela *“ia ficar uma velha perebenta”*.

Marta, 77 anos, tem o diagnóstico médico de neuropatia e, numa das consultas médicas com o mesmo dermatologista, tentou apresentar os recentes exames, ao que replicou esse especialista: *“Não quero ver os exames. A senhora tá muito bem pela sua idade. Isso aí é coisa chorosa de pessoa de idade”*. Raquel e Marta não retornaram a esse dermatologista. Marta reconhece: *“Depois disso, eu chorei e nem vou mais voltar. Fiquei de fazer o retorno, mas o que eu vou fazer lá?”* Raquel, por sua vez, não desiste de procurar atendimento dermatológico, quando é atendida por um médico residente e dá em seguida o seguinte depoimento:

“Eu tenho ido a jovens e eles são super-respeitosos. (...) fui recentemente... um jovenzinho (...), recém-saído da faculdade, tá fazendo... [pausa] [residência?], residência. Ele foi super-respeitoso. Eu também me senti tão à vontade que eu mostrei todas as verrugas, sabe?! Todas as manchas. E aquele senhor idoso falou aquilo pra mim, né?!”

O que surpreende também é uma resposta de outra participante da pesquisa que, diante desse acontecimento, tem um relato oposto ao das idosas citadas:

“É... assim... No caso, não levei a sério, não me magoei, não me ofendi porque eram médicos que falavam, mas com muito jeito. Meus médicos são muito educados. Não foi negativo. Não foi para me denegrir.” (Joana, 65 anos).

Paulo, 76 anos, assegura que, em vez do profissional da área da saúde, é mais a família que associa dores à idade:

“...A família fala que tudo é da idade. E não é. Às vezes, prejudica a pessoa, po que deixa de procurar [pausa] auxílio médico... ajuda médica. Porque acha que é da idade e, às vezes, deixa. Mas eu tenho autonomia... pra mim. É.. é..., eu sigo a minha cabeça. Mas eu não deixo de ouvir opiniões e analisar.”

(10) Piadas desmoralizadoras aos idosos

Em nossa cultura, os idosos são expostos a circunstâncias ímpares, que podem mobilizar sentimentos negativos apresentados, por exemplo, em forma de piadas, que afetam sua adaptação social, seu bem-estar e inclusive voltam-se se contra a própria postura retrógrada da sociedade, com relação às pessoas acima de 60 anos.

Dos resultados obtidos nas entrevistas, cinco sujeitos garantem ter ouvido piadas que ridicularizam as pessoas idosas. Somente três idosas contaram que a experiência foi-lhes muito marcante:

Eva, 69 anos, mencionou em sua resposta que

“Acho que piada. [Poderia me contar como foi?]. Já ouvi várias e eu nem lembro direito. Eu sou ruim pra guardar piadas”.

Eva concluiu, dizendo que, quando passa por esta situação, não guarda rancor e isso não faz diferença na vida dela.

Ester, 76 anos, menciona que é algo muito comum ouvir, de jovens, comentários desabonadores a idosos:

“Tem bastante em qualquer lugar... em todo lugar tem. [A senhora poderia me contar como foi?]. Ah... não! Não quero contar, porque não dou atenção. Mas me magoou, eu vi comentar sobre as velhas (...) Acho muito ruim, muito negativo. A minha bronca é essa... dessas pessoas de mais idade se permitir ouvir besteiras desses palhaços que vão atrás delas ou que elas vão atrás... eu não sei.”

Raquel, 72 anos, conta que:

“Tem piadas em relação a idosos de dizer assim: ‘Que idoso no carnaval não pode levantar o dedinho pra cima, porque aí Deus puxa’, quer dizer... (risos) já associa à morte! Quer dizer... Velho tem que viver triste, tem que viver... não pode ser feliz, não é? Quando a gente sabe que a alegria é isso que promove a longevidade, né?! Se ocupar de outras coisas, a não ser ficar fechado dentro de um... da sua casa, não é?! Então, tem dessas coisas... Eu vejo isso como algo negativo!”

(11) Manifestações singulares de preconceito

No que diz respeito à percepção de preconceito, foi possível identificar uma certa singularidade por parte de alguns participantes da pesquisa:

“(...) existe uma cultura do povo onde há discriminação para várias coisas, né?! E não tem como combater isso. Porque isso é... é cultural. Pode ser que diminua. (...) Eu não tenho discriminação. Mas tem discriminação com a idade, [pausa] com... pobreza, [pausa] é... e por aí vai, né?! [...] Acho que é negativa, ela mexe com a autoestima (...), se mexe com a autoestima e [pausa] e... tudo que discrimina, mexe com autoestima.” (Paulo, 76 anos).

“Eu acho que o preconceito diminuiu. No sentido geral, o preconceito para com o idoso diminuiu. Pelo menos da minha vivência, é isso aí. Eu digo em relação, sim, à minha vivência, mas o que eu tenho observado nas pessoas, de uma maneira geral, eu acho que elas estão mais conscientes em relação à questão do idoso.” [pausa] *Acho que isso depende muito do meio onde que você transita, né?!”* (João, 68 anos).

[O senhor já vivenciou alguma situação de preconceito?] *“Nunca vivenciei. Graças a Deus, nunca me aconteceu nada.”* (André, 71 anos).

“(...) eu, até agora, não sofri preconceito, por causa da minha idade. Ao contrário sou MUITO respeitado, MUITO respeitado. Não sei se é por causa do ciclo que frequento... são pessoas esclarecidas, são pessoas... (...) mesmo os jovens até... nunca, nunca aconteceu (...).” (Pedro, 84 anos).

[A senhora já vivenciou alguma outra situação de preconceito?] *“Não. Eu sou muito bem-aceita em todos os lugares. Eu nunca tive problema. Pode ter com alguém, mas eu nunca tive esse tipo de problema.”* (Ester, 76 anos).

[Já vivenciou outra situação de preconceito?] *“Nesse ponto, sempre tive sorte! Nunca passei por isso, e nunca vi.”* (Madalena, 80 anos).

[Já vivenciou outra situação de preconceito?] *“Olha, eu vou ser franco com você... diretamente não.”* (Davi, 68 anos).

(12) Idosos como pessoas descartáveis – o preconceito etário

As situações vivenciadas por alguns idosos mostram que, muitas vezes, algum jovem se colocou como mais útil que o idoso – perpetrando, aí, um preconceito geracional ou etário:

“Ainda não passei por muitos preconceitos, mas eu sei que vou passar por alguns porque os jovens, cada dia mais, têm muitos preconceitos com os idosos. Eu não digo os jovens universitários, mas os jovens principalmente com menos escolaridade têm muito preconceito com idosos, contra seus próprios idosos... Eu já observei neto maltratando vó: ‘A senhora tá ficando maluquinha!’” (Joana, 65 anos).

(13) Como deve ser a velhice, a despeito do preconceito

Ao final das entrevistas cujas respostas foram acima analisadas, ainda foram indagados os idosos embarcados, sobre o que eles diriam, ou deixariam de recomendação, a pessoas que passaram, ou não, por situações de preconceito. As respostas mostram a posição desses idosos; muitos deles preferem ignorar o preconceito e seguir com entusiasmo pela vida:

“Se tem o propósito de continuar trabalhando... continue em busca de trabalho!” (Sara, 63 anos).

“Pra aceitar com naturalidade.” (João, 68 anos).

“Que sejam educados e que retribuam com gentileza também. Que agradeça quando alguém se levanta do... do... para ceder o lugar. Que agradeça!” (Pedro, 84 anos).

“O problema é o seguinte... eu acho que a pessoa de idade tem que viver a vida dele. [pausa]. E... tem que ter seu amor próprio, sua autoestima, viver sua vida e deixe que fale que isso e que faz aquilo. Você não vai... não vai mudar. Pra mudar isso aí, tem que ser dos bancos escolares (...) Tem que partir também uma parceria com a família, com os pais. As crianças quando forem à escola não ter esse problema de ‘bulimia’ [Pesquisadora acredita que o idoso quis dizer bullying]..., que é preconceito. (...) Se os filhos têm essa ‘bulimia’, é porque escuta em casa. [O que o senhor diria para outras pessoas nessa situação?]. Eu diria isso que eu falei, que eles sigam em frente. Se faça de surdo, mudo, faz de conta que nem liga. Não vai brigar por causa disso (...) levar a vida dele e pronto. Não adianta. Nós vivemos num mundo que tem coisas tão terríveis, né?! Agora por causa de discriminação... isso aí tem mesmo.” (Paulo, 76 anos).

“Ah... eu diria o seguinte que... fosse... digamos mais espertos no... em determinado lugar... por exemplo, no metrô, não ficar atravancando porta de entrada ou, então, não ficar atrapalhando... coisas assim que... lugares que... as pessoas estão lá obstruindo o lugar e prejudicam o andamento.

Eu acho que isso daí me incomoda. [e o que o senhor diria para as pessoas idosas que também são cedidos o lugar no ônibus e no metrô?] Que... que não aceite. Que permaneça de pé. Porque eu acho que que tem força... A não ser que seja doente... aí tudo bem. Mas só idade não, não prejudica nada. As pessoas (idosas) podem aceitar, ou não. Mas é preferível que não aceite. É mais confortável não aceitar.” [O que é ser velho para o senhor?] Ah, dizem... eu não me acostumei com a idade que tenho. Eu me considero idoso pelo documento, mas, fisicamente, não.” (André, 71 anos).

“Que as pessoas tenham mais dignidade e não aceite essas coisas, esses absurdos que os homens falam pra elas. Que elas não aceitem. Que elas tenham dignidade e se respeite, né?! A mulher tem que se respeitar. Se ela não se respeitar, os homens não se respeitam. Se ela não se dá o respeito, ela não vai ser respeitada nunca. Essas velhas gagás que não sabem o que estão fazendo da vida. Não é por aí, né? E têm mulheres que dão liberdade para que isso aconteça. EU NÃO ACEITO!” (Ester, 76 anos).

“Eu diria o seguinte: a pessoa, ela tem que ter educação com qualquer idade. Não é porque que a pessoa é idosa, ou tá com defeito físico, que vai dá uma de bondosa. Eu não admito porque a sua bondade tem que ser com qualquer pessoa. (...) É obrigação sua. Então, eu trato as pessoas tudo igual. Com educação e tudo, mas não é porque é aleijado nem porque... Não! Não tem diferença. É ridículo isso. Porque a sua educação é que conta. Eu sou do tempo que... não era porque a pessoa era pobre ou porque... não! (...) Você pode falar com uma pessoa sem ser esnobe.” (Maria, 85 anos).

“Oh... Veja bem! Eu comentaria... porque nós, idosos, o pessoal fala muito respeitador, mas tem idoso muito ignorante. (...) São muito secos. Não sei porque eles não tiveram um convívio social muito bom. Eu vejo muito idoso seco, não agradece. A gente... quando te faz um favor ou alguma coisa você tem obrigação de agradecer porque a pessoa tá te ajudando. Eu vejo... e tem idosos até melhores do que eu, eu vejo. Tem idosos que acham que isso incomoda. Eu acho que eles têm que mudar a mente deles, têm que abrir a mente e que isso não quer dizer que a gente seja inútil. Porque... se tá fazendo isso é em questão... respeito, é uma admiração como fosse uma pessoa da família deles. E... é tão bom! Agora, tem pessoas que não gostam. Acha que é uma humilhação. Eu, não! Eu acho que não tem humilhação porque ele está te respeitando. Ele tá dando oportunidade pra você. Eu acho tão bacana isso! É uma mesclagem: jovem com mais idoso... tão bacana! Porque o mundo, hoje, a tecnologia afasta! (...) Antigamente as famílias saíam nas calçadas para conversar. Hoje não acontece mais isso. (...). (Davi, 68 anos).

“Então... pra não valorizar. Olhar pra trás e ver quanta coisa boa a pessoa realizou. Quantas vitórias foram conseguidas, não é?! Quantos méritos por constituir família - quem constitui - netos, bisnetos. Quem vivenciou tudo isso aí. Então... essas coisas são muito pequenas. (...) Não

dá importância. Não pode valorizar. Porque se valorizar, ficar melindrado com... Então... onde está a vivência? os anos que passaram que a pessoa poderia [pausa] sabe ficar mais forte, não é? Não é mesmo?” (Raquel, 72 anos).

“Eu não dou opinião porque depende da reação de cada pessoa. Cada um tem que agir como achar melhor, principalmente quando se sentir ofendido, sentir na pele.” (Eva, 69 anos).

“É... ah! Não ligar. Deixa pra lá.” (Isabel, 78 anos).

“Pra não tomar conhecimento, né, bem?! É... porque o que eles pensam é diferente da nossa cabeça. Não deixar atingir.” (Madalena, 80 anos).

“Eu não sei porque, cada caso é um caso. Cada pessoa tem um sentimento. É uma forma de agir. Então... eu acho que não fazer igual ao que eu fiz. Tem que insistir pra levar avante. Enfrentar.” (Marta, 77 anos).

“Que chame a atenção. Que se puder é... não se cale! Não pode fazer muita coisa porque nem a... assim... se a gente vai na delegacia, é uma perda de tempo porque a gente fica por horas lá, sem ser atendido. Então, a gente é... não sai nada. Mas que pelo menos fale. Não se calar. Não se calar, achando que é normal. Porque eu já vi alguns idosos achar que isso é normal. O carro não para no ponto, e ele não toma nenhuma providência porque acha que é normal. Eu não. Eu...pode ser que não aconteça nada, mas aí eu tomo o próximo ônibus ou a próxima perua, uma vez que... que me deixa próxima de casa, assim... e vou até o ponto final, e reclamo. Não acontece nada, mas eu reclamei. Aí eu falo pro próprio motorista: ‘Mas por que você não parou pra mim? Dei sinal e você não parou.’ Aí ele dá uma risadinha e diz: ‘Não vi, desculpa! Não vi.’” (Joana, 65 anos).

As respostas acima mostram a diversidade de matizes de significação quanto ao preconceito etário dirigido à pessoa idosa.

Após a análise, discussão e interpretação dos dados a que se pôde ter acesso, passa-se ao capítulo IV relativo às Considerações finais.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os objetivos propostos, este estudo evidencia a presença renitente do Idadismo na sociedade brasileira, manifesto pelos idosos aqui entrevistados, por meio da posição de tolerância a ele, ou de sua aceitação.

Dados de situações de preconceito/estigmatização/segregação que decorrem da escuta de dizeres (enunciados verbalmente), espessados por conotações negativas, e que são reiterados, na maior parte das vezes, até em atitudes, gestos comportamentais discriminatórios, fazendo-se ver que o discurso verbal ou gestual continua a ser uma via privilegiada para a veiculação de preconceitos/estereótipos. Subjacentemente a esses discursos, atitudes/gestos, há a concepção equivocada do que significa ser uma pessoa de mais idade. Curioso é que uma parte das pessoas idosas, sem qualquer indagação, deixa-se submeter a esses tratamentos preconceituosos.

Tal situação permite identificar consequências: de um lado, o quanto do preconceito manifesto na língua faz decorrer a muitos idosos a discriminação familiar, social, na área da saúde, do trabalho, dentre outras, e como isso pode afetar sua subjetividade, trazendo-lhe efeitos negativos (de baixa autoestima, de total precariedade, de sentimentos de insegurança pela perda de sua posição na família e na sociedade).

De outro lado, acreditando-se em um declínio dos efeitos do preconceito/discriminação, o quanto estas poderiam sentir-se socializadas harmonicamente com as demais gerações para uma convivência produtiva e feliz.

Com efeito, é preciso uma continuidade desta investigação; poder-se-ia, por exemplo, apurar, com mais acuidade, os desdobramentos quanto à afetação, ou não, da pessoa idosa, pelo Idadismo; por exemplo, aprofundar, com novos dados, as reflexões sobre um fato aqui indiciado, acrescido de novas hipóteses,

de que: (a) idosos mais escolarizados/cultos (de qualquer momento da velhice); bem como (b) idosos de uma finitude mais iminente; e, talvez, (c) idosos mais abonados, componham uma “tríade gerontológica mais preservada” diante do Idadismo.

Segundo nossas expectativas, justamente por disporem de mecanismos (no sentido de Agamben, 2009) muito singulares, a nosso ver da ordem do processo de subjetivação/dessubjetivação, que podem sobrepor-se ao mecanismo de incidência renitente de preconceitos (pelo outro ou até pelos próprios assujeitados).

Pois bem: o que dizer, então, acerca do que hipotetiza, *mutatis mutandis*, Pochintesta (2014, p. 37, ratificando Heckhausen e Schultz, 1995), de que “[...] conforme se avanza en edad disminuye el control interno percibido [...]”, i.é, “[...] el control percibido aparece dominado por las circunstancias externas”? Chegamos a um ponto de indecidibilidade: seria uma questão de lócus de aplicação do questionário, ou de diferença quanto ao ponto de vista adotado na interpretação dos dados, ou de outra ordem?

De qualquer forma, consideramos a centralidade das diferenças interpessoais, de ordem subjetiva ou física, que ostentam uma riqueza de sentidos mais decisiva no contexto de reconhecimento do valor do segmento idoso — o que não deixa de ser uma decisão essencialmente política, já que este constitui uma parcela populacional crescentemente significativa em nossa sociedade.

Tal reconhecimento levaria, certamente, a pensar que a homogeneidade de afetação pelos preconceitos etários não é atestável, dado que alguns idosos, atentos a determinados mecanismos coercitivos, a eles se sobrepõem por meio de contramecanismos, suspendendo a propalada denúncia de intolerância dos mais jovens, sendo desfeitos, assim, os traços desqualificadores.

A respeito de certas pessoas idosas que tomam posição em relação a seu presente, bem lembram Lalive d’Epinay e Cavalli (2013), como citados em Pochintesta (2014, p. 28): “Antes que el deterioro y la dependencia es más bien

la diversidad y heterogeneidad lo que se constata en las personas de cuarta edad”.²¹

Em suma, é imprescindível que as ações de esclarecimento e sensibilização junto à sociedade contem com o envolvimento dos próprios idosos que desejem acertar contas com seu atual tempo — em que lhes é dado viver mais, com as consequentes tarefas que lhes concernem —, às quais eles precisam dar ouvidos e das quais não podem se distanciar.

À luz de Agamben (2009), pode-se dizer que o compromisso colocado aqui aos idosos não pode estar ligado simplesmente a um tempo cronológico: são procedimentos que urgem dentro deste e que devem introduzir nesse tempo a “desomogeneidade”, trazer transformações nas relações entre gerações, ou mais precisamente, deslocar/desfazer discursos improdutivos, explícitos ou implícitos nas relações cotidianas do “tempo-de-agora” (o tempo existencial, ou kairosiano).

²¹ A “quarta idade” é expressão relativamente nova para definir a multidão de octogenários, nonagenários e centenários, neste século XXI, que habita, ou passou a habitar, especialmente certas metrópoles do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, onde há maior oferta de serviços e produtos para a velhice avançada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Trad.: Davi Pessoa. Revisão. técnica: Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ALLPORT, Gordon Willard. **The nature of prejudice**. Garden City: Addison Wesley, 1958.

ALMEIDA, Vera Lúcia Valsechi. Modernidade e Velhice. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 75, pp. 35-54, 2003.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo (SP): Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico? Tô fora! *In*: PINSKI, Jaime (Org.). **12 Faces do Preconceito**. São Paulo: Contexto, 2011, pp. 59-68.

BARBOSA, B.R.; ALMEIDA; BARBOSA, M.R.; BARBOSA, L.A.R.R. , (2014). Rio de Janeiro: **Ciênc.Saúde Coletiva**, v.19, n.º 8, ag.2014. (ISSN 1413-8123). (<http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014198.06322013>). URL:

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice: a realidade incômoda**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970/1990.

BERNADET, Jean-Claude. Ser ou não ser não é a questão. *In*: PINSKY, Jaime (Org.). **12 Faces do Preconceito**. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 29-38.

BUTLER, Robert N. Age-ism: Another form of bigotry. **The Gerontologist**, Oxford, v. 9, n.º 4, pp. 243-246, 1969.

_____. Ageism: A foreword. **Journal of Social Issues**. New York, v. 36, n. 2, abr.1980.

_____. **The Longevity revolution: The benefits and challenges of living a long life**. New York: Public Affairs, 2006.

CAMARANO, Ana Amélia. Resultados preliminares das pesquisas sobre violência contra a pessoa idosa no Brasil. **Seminário Nacional Violência Contra a Pessoa Idosa**. Brasília (DF), Brasil, 2007.

CHAUI, Marilena. Notas sobre a utopia. **Rev. Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 60, n. spe. 1, julho, 2008. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252008000500003&script=sci_arttext. Acesso em 6 de janeiro de 2016.

CLAEYS, Gregory. A busca da utopia. *In*:____. **Utopia: a história de uma ideia**. Trad.: Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2013, pp. 7-15.

CROCHIK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e sociedade**. *Temas psicol.* [online]. 1996, v.4, n.3, p. 47-70. ISSN 1413-389X.

_____. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

_____. Teoria Crítica da Sociedade e Estudos sobre o Preconceito. **Revista Psicologia Política**. São Paulo, 2000, v. 1, pp. 67-99.

DEBERT, Guitta Grin. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Fapesp, 1999.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, pp. 62-83, 2005.

FERNANDES, Nair Francisca; AFONSO, Rosa Marina; PEREIRA, Henrique; LOUREIRO, Manoel Joaquim. Avaliação da percepção de discriminação em pessoas idosas. **International Journal of Developmental and Education Psychology**, Espanha, v. 1, n. 2, pp. 105-114, nov., 2012.

FERREIRA-ALVES, José; FERREIRA NOVO, Rosa. Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, Portugal, v. 6, n.º 1, pp. 65-77, jan.2006.

FERRIGNO, José Carlos. Trabalho social com idosos: apresentação de experiência pioneira do SESC na área de lazer e da cultura. **Cadernos de Terapia da UFSCar**, v. 14, n.º 1, 2006. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/164/120>. Acesso em 8 de outubro, 2015.

FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões. **Violência, preconceito e propriedade: um estudo sobre a violência a partir da teoria crítica da sociedade.** Dissertação de mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisas Qualitativas - Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v. 35, n.º 3, pp. 20-29, maio/jun., 1995.

GOLDANI, Ana Maria. “Ageism” in Brazil: what is it? Who does it? What to do with it? **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 27, n.º 2, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982010000200009>. Acesso em 20 maio, 2013.

GRANJO, Maria Helena Bittencourt. **Agnes Heller: filosofia, moral e educação.** Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

GROTH, Silvio M. É Possível EnvelheSer? *In*: TERRA, Newton Luiz; DORNELLES, Beatriz (Eds.). **Envelhecimento Bem-Sucedido.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, pp. 255-258.

GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro. **Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** Trad.: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

IPEA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **O Conselho Nacional de Saúde na Visão e seus Conselheiros.** Relatório de Pesquisa. Projeto Conselheiros Nacionais: perfil e atuação dos conselheiros. IPEA. Brasília, 2012.

KERTZMAN, Olga Facciolla. “**Velho, é o outro!**”: a experiência do envelhecimento de idosos usuários do Núcleo de Atenção à Saúde do Idoso. 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Programa de Pós-Graduação em Infecções e Saúde Pública, Coordenação dos Institutos de Pesquisa da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, São Paulo. 2004.

KITE, Mary E.; STOCKDALE, Gary D.; WHITLEY JR., Bernard E.; JOHNSON, Blair T. Attitudes toward younger and old adults: An updated meta-analytic review. **Journal of Social Issues**, Malden, v. 61, n.º 2, pp. 241-266, June, 2005.

LASAGNI COLOMBO, Viviana X. *et al.* Estereótipos negativos hacia la vejez en personas mayores de Latinoamérica. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n.º 4, pp. 09-23, dez. 2013.

LEME, Luiz Eugênio Garcez. Quem gosta de velho é reumatismo! *In*: PINSKI, Jaime. (Org.). **12 Faces do Preconceito**. São Paulo: Contexto, 2011, pp. 39-48.

LEVY, Becca R. Stereotype embodiment: A psychosocial approach to aging. **Current Directions in Psychological Science**. London, v. 18, n.º 6, pp. 332-336, Dec. 2009.

LEVY, Becca R.; CHUNG, Pil H.; BEDFORD, Talya; NAVRAZHINA, Kristina. Facebook as a site for negative age stereotypes. **Gerontology**, *Oxford*, v. 54, n.º 2, pp. 172-176, Apr. 2014.

LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira; MEDEIROS, Suzana da Aparecida Rocha. “Formas de significar” a moradia da pessoa idosa, sob uma perspectiva interdisciplinar. *In*: Congreso de la Cátedra de Psicología de la Tercera Edad y Vejez “Envejecimiento y vida cotidiana”, 1., 2009, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2009, pp. 01-20. Disponível em: http://www.psi.uba.ar/estudiantes.php?var=extension/jornadas_congresos/jornadas_congresos_realizados/tercera_edad_vejez_2009/index.php. Acesso em 02 out., 2013.

LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira; SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz. Interdisciplinaridade: Desafios na construção do conhecimento gerontológico. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 16, n.º 2, pp. 291-306, 2011.
URL: <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/24814/15444>.

MAGALHÃES, Carlos Pires *et al.* Idadismo. [Comunicação]. *In*: Congresso “O doente crônico e a saúde comunitária”, 1, Bragança. **Anais...** Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2009. pp. 01-03. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/4247/1/Comunica%C3%A7%C3%A3o%20-%20Idadismo.pdf>. Acesso em 02 out., 2013.

MAGALHÃES, Carlos Pires; FERNANDES, Adília; ANTÃO, Celeste; ANES, Eugénia. Repercussão dos Estereótipos sobre as Pessoas Idosas. **Revista Transdisciplinar de Gerontologia**, Porto, v. 3, n.º 2, pp. 7-16, fev./jul. 2010. Disponível em: <files.rtgerontologia.webnode.pt/200000030.../RTG%20II,%202010.pdf>. Acesso em: 02 out., 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.

MAY, Tim. Entrevistas: métodos e processos. *In*: _____. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Trad.: Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. pp. 146-172.

MENDES, Márcia R. S. S. B.; GUSMÃO, Josiane Lima de; MANCUSSI-FARO, Ana Cristina; LEITE, Rita de Cássia Burgos de O. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 18, n.º 4, pp. 422-426, jul./ago., 2005.

MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. Algumas Reflexões sobre o Lugar Social da Velhice e do Velho. *In*: São Paulo. Secretaria da Saúde. **Violência doméstica contra a pessoa idosa: orientações gerais**. São Paulo: Secretaria Municipal de Saúde, 2007, pp. 16-17.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. **Cadernos de Saúde Pública**. v. 19 n. 3, pp. 783-791, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, 33. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, pp. 9-29.

NERI, Anita Liberalesso. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. *In*: NERI, Anita Liberalesso. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na Terceira Idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007, pp. 33-46.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2005.

NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire; RESENDE, Marineia Crosara de. Atitudes em relação à velhice. In: FREITAS, Elizabete Viana de *et al.* (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, pp. 972-980.

NORTH, Michael S.; FISKE, Susan T. An inconvenienced youth? Ageism and its potential intergenerational roots. **Psychological Bulletin**. Berkeley, v. 138, n.º 5, pp. 982-997, set., 2012.

ONFRAY, Michel. **A Potência de Existir - Manifesto Hedonista**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010.

PALMORE, Erdman B. **Ageism: Negative and Positive**. 2ª ed. New York: Springer Publishing Company, 1999.

_____. The ageism survey: first findings. **The Gerontologist**. Oxford, v. 41, n.º 5, pp. 572-575, Oct. 2001.

PALMORE, Erdman B.; BRANCH, Laurence; HARRIS, Diane. **Encyclopedia of Ageism**. New York: The Haworth Press, 2005.

PASCHOAL, Sergio. Envelhecer com dignidade, um direito humano fundamental. São Paulo. Secretaria da Saúde. **Violência doméstica contra a pessoa idosa: orientações gerais**. São Paulo: Secretaria Municipal de Saúde, 2007, pp. 13-15.

PINSKI, Jaime. (Org.). **12 Faces do Preconceito**. São Paulo: Contexto, 2011.

RIBEIRO, Antonio Pedro Freire. **Imagem da velhice em profissionais que trabalham com idosos: enfermeiros, médicos e técnicos de serviço social**. 208 f. Dissertação (Mestrado em Geriatria e Gerontologia). Secção Autónoma de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SCHAIK, Warner. Ageist language in psychological research. **American Psychologist Association**, EUA, v. 48, n.º 1, pp. 49-51, jan.1993.

SILVA, Anna Cruz de Araújo Pereira da. Afetiv(idade): uma questão afeta ao Direito **Revista Kairós Gerontologia**. São Paulo, v. 10, n.º 1, pp. 71-84, jun. 2007.

SOUSA, Ana Carla Santos Nogueira de; LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira; SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz; ARANTES, Regina Pilar Galhego. Alguns apontamentos sobre o idadismo: A posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v.19, n.º 3, pp. 853-877, 2014.

URL: <http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/search/search>.

SOUSA, Ana Carla Santos Nogueira de; LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira. Os efeitos da finitude na relação entre cuidador e idoso centenário. **Pôster, “XIV Fórum Brasileiro de Neuropsiquiatria Geriátrica”**. Belo Horizonte (MG). 25-27 set.2014.

SOUSA, Ana Carla Santos Nogueira de; MARKARIAN, Fabiana de Jesus Paulo; GONÇALVES, Isabel Cristina de Souza; DEMASI, Maria Antonia; RENCK, Rachel Alessandra de Oliveira Coutinho; Fabiula da Costa MOISÉS; FONSECA, Suzana Carielo. A velhice no tecido da vida. **Seminário NEPE/PUC-SP out.2014**. São Paulo (SP): PUC-SP.

SOUSA, Ana Carla Santos Nogueira de; SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz; LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira. Por que estudar o envelhecimento, a velhice? **Seminário NEPE/PUC-SP, nov.2014**. São Paulo (SP): PUC-SP.

SOUSA, Ana Carla Santos Nogueira de; SILVEIRA; LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira. Comunicação humana e preconceito social: caso de pessoas idosas. **Pôster. VIII Seminário de Pesquisa em Gerontologia e Geriatria”, 22-24 abril 2015**. Campinas (SP): Unicamp.

SOUSA, Ana Carla Santos Nogueira de; SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz; LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira. Ansiedade como efeito do próprio estigma e preconceitos aos velhos. **Seminário NEPE/PUC-SP abr.2015**. São Paulo (SP): PUC-SP.

SOUSA, Ana Carla Santos Nogueira de; MARTINS, Alessandra Negrão Elias; CÔRTE, Beltrina. Programas de Saúde para a pessoa idosa no Brasil: uma breve reflexão do que falam sobre o Envelhecimento Ativo. **Anais da XV Semana de Gerontologia / II Simpósio Internacional de Gerontologia Social, 30 de setembro a 02 de outubro de 2015**. São Paulo (SP): PUC-SP.

SPOSATI, Aldaíza. Feios, sujos e malvados. *In*: PINSKI, Jaime. (Org.). **12 Faces do Preconceito**. São Paulo: Contexto, 2011, pp. 113-119.

VERGUEIRO, Maria Emília de Clara; LIMA, Margarida Pedro de. O *ageism* e os maus-tratos contra a pessoa idosa. **Psychologica**, Coimbra, v. 52, n.º 3, pp. 185-208, dez., 2010.

ANEXOS

ANEXO 1: TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

São Paulo, ___ de _____ de 2015.

Eu, ANA CARLA SANTOS NOGUEIRA DE SOUSA, aluna do mestrado em Gerontologia do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), orientanda pela Prof.^a Dr.^a Flamínia Manzano Moreira Lodovici, venho por meio desta solicitar sua AUTORIZAÇÃO para o desenvolvimento da pesquisa intitulada “O idadismo sob escuta dos idosos: efeitos, possibilidades e a utopia de um novo envelhecer.” Este estudo tem o propósito de investigar a posição de pessoas idosas, manifesta em entrevistas, em episódios de discriminação social etária, bem como a avaliação do impacto negativo.

OBJETIVOS

GERAL

Investigar a posição de pessoas idosas, manifesta em entrevistas, diante de episódios de discriminação social etária a que estiveram sujeitas, bem como a avaliação do respectivo impacto negativo sobre elas mesmas.

ESPECÍFICOS

- Levantar o perfil dos idosos participantes da pesquisa, a partir de variáveis como: faixa etária, gênero, estado civil, escolaridade e local da residência, que podem situar melhor a condição atual do idoso respondente à entrevista.
- Verificar as situações do cotidiano em que podem ocorrer preconceitos contra os idosos.
- Comparar os resultados obtidos nas diferentes situações após a interpretação das respostas obtidas dos dados analisados, para verificar recorrências e divergências entre eles.
- A partir de subsídios aqui oferecidos sobre imprescindíveis ações voltadas à educação sobre o envelhecimento, e as problemáticas da velhice, a fim de que, desde o ser humano mais precoce, todos os segmentos da sociedade, enfim, se deem conta de que podem estar

sendo preconceituosos, mesmo sem se aperceberem desse seu gesto. Em suma, que as pessoas idosas, especialmente as menos favorecidas, deixem de receber os efeitos da discriminação etária e possam, ao ter preservada sua subjetividade, viver com mais dignidade, contribuindo-se, desta forma, a uma melhoria das relações intergeracionais na sociedade. E que esta se torne amigável, solidária, adequada, a todas as idades, com a proposta de uma educação cidadã neste século XXI — a feliz utopia de um novo envelhecer.

Os procedimentos a serem realizados são: preenchimento de questionário sociodemográfico (nome, idade, sexo...) que constará no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após assinatura do TCLE e do Termo de Autorização para Gravação de Voz será realizada uma entrevista semi-estruturada composta por uma pergunta fechada e algumas perguntas abertas que serão gravadas e transcritas para análise deste estudo.

Cabe ressaltar que o projeto de pesquisa, em anexo, após sua autorização, será enviado para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Pontifícia Católica de São Paulo/PUC/SP, via Plataforma Brasil, não incorrendo em riscos para os participantes e garantindo-lhes o anonimato na publicação dos resultados.

Certa de sua colaboração colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos pelo telefone (11) 9.6465-6251 ou email: nogueira.geronto@bol.com.br.

Atenciosamente,

Ana Carla Santos Nogueira de Sousa
Pesquisadora responsável

ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação do participante da pesquisa

Nome:		
Idade:		
Data de Nascimento:		
Sexo:	<input type="checkbox"/> Feminino	<input type="checkbox"/> Masculino
RG:		
Estado civil:		
Escolaridade:		
Telefone:		
Endereço:		

Informações sobre a Pesquisa

Título do estudo: “O idadismo sob escuta dos idosos: efeitos, possibilidades e a utopia de um novo envelhecer”

Pesquisadora responsável: Ana Carla Santos Nogueira de Sousa

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Telefone para contato: (11) 9.6465-6251

Local da coleta de Dados: DEFINIR!

Universidade Aberta à Maturidade (UAM) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)

Serviço Social do Comércio (SESC)

Programa Acompanhante de Idosos (PAI).

Prezado(a) Senhor(a):

- Este convite é para o(a) Senhor(a) participar de acordo com sua vontade e disponibilidade deste estudo de forma totalmente **voluntária**.
- Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que o(a) Senhor(a) compreenda as informações e instruções contidas neste documento.

- A pesquisadora deverá responder todas as suas dúvidas antes que o(a) Senhor(a) se decida a participar.
- O(a) Senhor(a) tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.
- As informações fornecidas pelo(a) o(a) Senhor(a) serão **confidenciais**. Nenhum participante deste estudo será identificado e reiteramos que os dados ficarão sob nossa guarda, não sendo permitido acesso por pessoas não relacionadas à pesquisa.
- Durante a pesquisa você **não terá despesa**, bem como não haverá pagamento pela sua participação.

Assinatura da Pesquisadora

Procedimentos

Os procedimentos a serem realizados são: suas respostas escritas a um questionário sociodemográfico (nome, idade, sexo...).

Posteriormente será realizada uma entrevista semi-estruturada que contém uma pergunta fechada e algumas perguntas abertas que serão transcritas para análise desse estudo, com a finalidade de saber a posição de pessoas idosas, manifesta em entrevistas, diante de episódios de discriminação social etária a que estiveram sujeitas, bem como a avaliação do respectivo impacto negativo sobre si mesmas.

Eu, _____, sujeito, abaixo assinado, tendo recebido todos os esclarecimentos acima citados, e ciente de meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo toda documentação necessária, a divulgação e a publicação em periódicos e revistas, apresentação em congressos, workshops e quaisquer eventos de caráter científico.

São Paulo, ____ de _____ de 2015.

Assinatura do Participante

ANEXO 3: TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

São Paulo, ___ de _____ de 2015.

Eu, _____, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada “O IDADISMO SOB ESCUTA DOS IDOSOS: EFEITOS, POSSIBILIDADES E A UTOPIA DE UM NOVO ENVELHECER.” estou ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, AUTORIZO, por meio deste termo, a pesquisadora Ana Carla Santos Nogueira de Sousa a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação, caso eu solicite;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988;
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador(a) da pesquisa (nome completo do pesquisador responsável), e após esse período, serão destruídos; e,
6. Estarei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Assinatura do Participante

ANEXO 4: ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**INSTRUÇÕES**

1. Por favor, assinale a(s) alternativa(s) caso o (a) senhor(a) viveu ou sentiu cada uma das situações que a seguir se descrevem:

- () Contaram para mim uma piada que ridicularizava as pessoas com mais de 60 anos;
- () Falaram comigo de forma bondosa ou paternalista devido a minha idade;
- () Um profissional da área da saúde (exemplos: médico, enfermeiro...) associam que as minhas dores são devidas à minha idade;
- () Sugeriram que eu não ouço bem devido a minha idade;
- () Fui ignorado(a) ou não levado(a) a sério devido a minha idade;
- () Sugeriram que eu não compreendo bem devido a minha idade.

2. Se respondeu afirmativamente a pelo menos uma dessas situações, peço-lhe, agora, por gentileza, que descreva um episódio que mais marcou o(a) senhor(a). Por que esse episódio marcou o(a) senhor(a)? O que o(a) senhor(a) diria para outras pessoas nessa situação?

